



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO

i o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 14 • Nº 57
A B R I L / M A I O 1 9 9 7

Entrevista: o universo de
Maurício de Souza



Lúcia Afonso faz um passeio pela "Colcha de Retalhos" da experiência feminina. Revista Pág. 3



Ângela Nobre de Andrade desvenda "a angústia frente ao caos" que permeia a formação do psicólogo. Universidade Pág. 7



Maria Rita Kehl aponta a contraditória "massificação das diferenças" existente no ideário pós-moderno. Extra Pág. 5



Regina Helena de Freitas Campos resgata a trajetória da pioneira Helena Antipoff, "uma intelectual do século XX". Memória Pág. 16



A Psicologia Educacional, enquanto área de trabalho para o psicólogo, vem acumulando vários questionamentos no decorrer do seu percurso. Para possibilitar o debate e a troca de experiências nesse vasto universo profissional, o CRP-04 promove, no dia 7 de junho, a partir das 8 horas, na Sociedade Mineira dos Engenheiros, o fórum "Psicólogo da Educação... de quem?". O programa consta de duas mesas de discussões. A primeira acontece de 8h às 9h30 e levantará os seguintes temas: "Psicólogo na escola: para quê?", com Maria Cristina Fellet Guimarães; "Pré-vestibulando: um desafio para o psicólogo", com Carolina de Oliveira Barra e Teuler de Silveira Reis; "O brinquedo como mediador da cultura", com Terezinha Vieira; e "Psicologia + Pedagogia = Psicopedagogia?", a cargo de Nelita de Lourdes Freitas. Já a segunda mesa tratará dos temas "A Psicanálise vai à escola", apresentado por Catarina S. Santos e Marília P. Botelho; "Psicologia, contos de fadas e literatura", a cargo de Teuler de Silveira Reis; "Pesquisa em Psicologia da Educação: novas abordagens", com Regina Helena Freitas Campos; e ainda a questão da terceiridade, com o tema "Espaço de Convivência: uma escola para idosos", apresentado por Márcia de Mendonça Jorge e Maria Cândida dos Santos. A entrada é franca. A Sociedade Mineira dos Engenheiros fica na Rua Timbiras, 1514. Maiores informações pelo tel. (031) 261.1146, de 12h30 às 18h30.

Depois do III Encontro das Américas, Belo Horizonte sediará, no ano de seu centenário, outro evento de peso - a 49ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que será realizada de 13 a 18 de julho, na UFMG. Reunindo as mais diversas atividades acadêmicas, científicas e políticas do Brasil e de vários outros países, o evento conta com a promoção do CRP-04 na mesa-redonda "Psicanálise e Universidade", fruto de uma proposta do Conselho acolhida pela SBPC. Os debatedores serão Paulo César Ribeiro, professor do Departamento de Psicologia da Fafich - UFMG e Benilton Bezerra Júnior, do Departamento de Medicina Social da UERG. A coordenação da mesa será do nosso colega Lúcio Marzagão (Fafich/UFMG).

Foi aprovada de forma plena pelo Conselho Federal de Psicologia a prestação de contas do CRP-04 referente ao exercício de 1996. O Plenário do CFP, reunido em Brasília no dia 1º de março deste ano, efetuou as análises e avaliações sobre o processo de nº 004/97, encaminhando ao Conselho Regional de Psicologia da 4ª Região os pareceres CFP002/97 e AUD/004. Os exames foram conduzidos de acordo com as normas de auditoria e compreenderam as análises dos balanços financeiro e patrimonial, da demonstração das variações patrimoniais e das demais peças integrantes do processo, levando-se em consideração também a auditoria realizada na entidade no período de 14 a 18 de outubro de 96. As falhas apontadas no documento da auditoria foram sanadas e o CFP registrou, em sua conclusão, que "face aos exames levados a efeito e consubstanciado no presente parecer, opinamos pela aprovação, de forma plena, da Prestação de Contas do Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região".

Na última reunião da APAF - Assembléia das Políticas Administrativas e Financeiras (colegiado composto por representantes dos CRs e do CFP criado no II Congresso Nacional da Psicologia), realizada em Brasília em 19 de abril de 97, foi definida a nova composição da Comissão Editorial da Revista "Psicologia - Ciência e Profissão". A APAF havia definido anteriormente que o Conselho Editorial deveria ter representantes das cinco regiões do país e um representante do CFP. A região sudeste (MG, SP, RJ e ES) está representada por Lúcio Roberto Marzagão, psicólogo e professor do Departamento de Psicologia da UFMG, indicado pelo CRP-04. Os outros membros são Emmanuel Zagury Tourinho (região norte), Liliane Seide Froemming (região sul), Paulo da Silveira Rosas (região nordeste), Tereza Pontual de Lemmos Mettel (região centro-oeste) e Odair Furtado (CFP). Segundo Odair, a maior preocupação da Comissão no momento é com a demanda, já que "os artigos estão chegando sem condições de serem publicados". O primeiro passo da nova Comissão, que terá duração de um ano, será estabelecer normas de publicação para os textos e divulgá-las em seguida.

Compromisso com a qualidade

A Gestão Transformação - 8º Plenário - tem priorizado, nestes 20 meses de seu mandato, uma série de questões administrativas que emperravam a dinâmica do Conselho na efetivação de seus projetos políticos e no atendimento de seu público.

Dedicamos esforços no sentido de equipar o Conselho com um novo sistema de informática que, muito breve, nos permitirá ter os escritórios setoriais interligados ao escritório central, onde o trânsito de idéias e projetos ocorre com fluidez e competência. Isso nos possibilita fornecer à categoria um serviço de atendimento eficaz e direto, sanando o que há muito tempo vinha trazendo transtornos e mal entendidos nas relações entre o Conselho e seus inscritos.

Acrescentamos a essas transformações administrativas a transformação da estrutura organizacional do escritório central do Conselho, que hoje conta com a figura de um coordenador operacional, responsável pela efetivação imediata das ações definidas pela Plenária, além de transmitir à mesma os impasses e entraves que dificultam a agilização das ações políticas definidas. Hoje contamos com uma estrutura organizacional e tecnológica, além de pessoal qualificado que capacita a entidade a dar continuidade, com competência e qualidade de serviços, às ações políticas.

Desta forma, podemos anunciar que a reorganização estrutural hoje está comprometida em efetivar nossos futuros projetos, entre os quais podemos destacar: o II Congresso Mineiro de Psicologia e I Encontro Minas-Espírito Santo de Psicologia, que tem como tema as "Raízes Atuais e História Futura" da profissão, a realizar-se em novembro deste ano; a publicação de cadernos sobre os diversos seminários promovidos pelo CRP-04; a publicação de um livro que trará aos psicólogos análises qualitativas dos dados obtidos pelo projeto de recadastramento, que já conta com 85% de resposta da categoria; a produção de um vídeo sobre a história da Psicologia em Minas Gerais; o acesso à Internet, gerando nosso e-mail, assim como um site sobre a Psicologia; parcerias que irão possibilitar cursos de capacitação de Recursos Humanos em Saúde Mental a serem oferecidos aos psicólogos.

Para breve, já temos agendados os seguintes seminários: A Psicologia no Direito; Avaliação Psicológica; Transdisciplinaridade; e os fóruns sobre Práticas Emergentes e Psicologia Educacional.

Gostaríamos, também, de ressaltar que estamos envidando todos os esforços para a aquisição de um imóvel, onde teremos a nova sede do CRP-04, que deverá contar com auditório, salas de reuniões, biblioteca e espaço cultural.

Esses projetos são o resultado da reflexão do 8º Plenário - Gestão Transformação, sobre o momento atual da Psicologia na 4ª Região, tendo em vista a demanda dos psicólogos ao CRP-04 e a demanda social dos psicólogos. Acreditamos, assim, que ao efetivá-los, estaremos traduzindo a vontade da categoria dos psicólogos - sedimentar a prática da Psicologia comprometida com a qualidade.

VIII Plenário - Gestão TransFORMAÇÃO

Um roteiro possível

Trazemos até vocês uma "colcha de retalhos". Retalhos que guardam entre si uma harmonia, cada qual com sua história, e que nos permitem vislumbrar um pouco do cenário em que a Psicologia se inscreve.

Integram este número do JP práticas e reflexões singulares que se prestam a ser dispositivos provocadores, permitindo-nos circular e nos deixar fecundar pela multiplicidade dos atravessamentos engendrados nas produções culturais. De Antipoff à Kehl, passando por Afonso, da formação e estágios em Psicologia às bem sucedidas oficinas terapêuticas, das perguntas feitas à clínica e à escola, há "estréia".

Sob o alerta de Maria Rita Kehl quanto aos modos contemporâneos de alienação, podemos ocupar o lugar privilegiado d'"A Mínima Diferença", onde nos é permitido criticar os dogmas do "politicamente correto" ou a "receita da felicidade" veiculada pela Rede Globo, abordada em texto de Belisário.

Do ponto de vista de Fellet e Vieira, somos agentes de mudança; sendo assim, cabe a nós também problematizar o "ninguém muda" reiterado por Maurício de Souza, sem deixar de participar das trocas incessantes que o cartunista estabelece com a realidade do universo infantil, trazendo uma abordagem bem-humorada de temas e personagens que, muitas vezes, reduzimos a "sintomas".

Inventadores ou inventores?

Travar um diálogo com a diversidade que

amplia e engrandece nossos "modos de ser no mundo", preservando nossas particularidades é também a atitude expressa no acordo de nossos colegas latino-americanos em torno do mercado comum do Mercosul. Circular livremente, resguardando as diferenças culturais, é a referência a partir da qual se busca a integração, sem que nos deixemos iludir "por um modelo totalizante do psicológico".

Por fim, acreditamos haver escutado a carta de nossa colega Alcione Andrade, agradecendo o estímulo e reiterando nosso propósito de encontrar "soluções de penitência" (vide Revista), através dos sonhos de colaboradores a nós endereçados. Aguardamos vocês.

Comissão Editorial

Fernanda Ottoni • Mariana Mendonça • Ricardo Marezsahn

O que corta a água?

Lúcia Afonso

O filme é de Jocelyn Moorhouse, mas as perguntas são de muitas mulheres. Um grupo de amigas, quase todas com mais de 60 anos, se reúne para costurar uma "Colcha de Retalhos", presente de casamento para Finn, neta de uma delas. Finn tem 26 anos e faz a terceira tentativa de escrever sua tese de Mestrado, que sempre muda de tema. Desta vez, aborda o artesanato feminino como uma espécie de ritual onde as mulheres encontram uma forma de contar suas histórias e de transmiti-las entre gerações.

De forma delicada e precisa, como em uma bela colcha de retalhos, a história de cada uma das personagens vai sendo contada em um desenho peculiar da experiência feminina. Cada colcha tem um tema que as personagens expressam, cada qual em seu retalho, conforme a sua vivência particular. Unidos os trapos, resulta uma obra de arte, a experiência de cada mulher ganha novo sentido no conjunto da experiência feminina. O tema da colcha que está sendo costurada é "Onde o amor reside". Mas Finn tem outras perguntas em mente: será interessante para ela se casar? Como viver apenas com uma pessoa? Não seria melhor manter uma total independência? O homem ideal é como um amante ou como um amigo? As histórias que vão sendo costuradas desfiavam respostas incompletas justamente porque incompleta é a experiência humana e como tal a própria experiência feminina. Cada história traz a seu modo um retalho de reflexão. Impossível contar aqui todas elas.

Sofia era uma jovem cheia de vida que sabia mergulhar com graciosidade e técnica. Apaixonada pelas águas, encontra um homem apaixonado por pedras, um geólogo com quem se casa. Fazem planos de viajar juntos, como parceiros, entrelaçando os sonhos de mergulhar em cada mar e conhecer cada rocha do planeta. Água e pedra, a princípio em profunda comunhão na paisagem natural dos lagos e rios, tornam-se elementos inconciliáveis em um casamento apressado por uma gravidez. A própria natureza impunha-lhes um outro limite, agravado pelas condições que viviam em sua geração - nada de contracepção ou relações alternativas em uma pequena e moralista cidade americana dos anos 1950. E como ficam morando ali, logo surge o segundo filho e o terceiro. O marido viaja a trabalho e Sofia se dedica à família, sempre com uma queixa pronta a ser feita e uma expressão de amargura. É apenas amargura e falta o que consegue reproduzir: à sua filha que deseja ir para a universidade, diz que, em face da situação financeira restritiva, seria mais importante que o irmão fosse, pois "uma mulher sempre pode se casar".

A amargura de Sofia, mas também a de todas as mulheres que se rendem a um destino frustrado, é apresentada no filme como resultado das pressões externas de uma sociedade machista, mas também como resultado de seu próprio conformismo diante desta. Também amargurado, o marido

tenta presentear Sofia com um laguinho no quintal da casa. Tendo abandonado as águas profundas, Sofia despreza esse laguinho tão raso, rasura onde não poderia jamais mergulhar, mas também a "rasura" que havia sido feita em sua vida e para a qual não conseguia encontrar solução de pentimento¹, isto é, de refazer por cima do sonho perdido um outro sonho. Por que nunca mais haviam ido nadar no rio que ainda continuava lá na mesma cidade, pergunta-lhe o marido? Acho que é porque virei uma esposa, ela responde. Um dia, o marido viaja para nunca mais voltar.

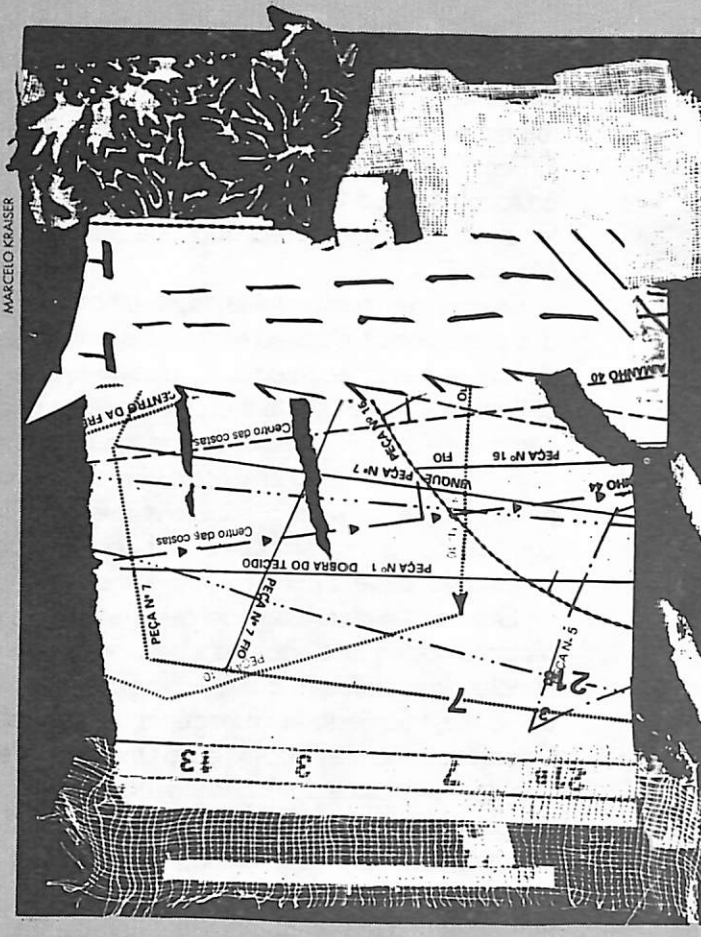
E aqui se revela outra qualidade do filme. As personagens masculinas não são monstros nem deuses, nem algozes nem vítimas. Há momentos em que são dominadores, sedutores, ternos, sensíveis, insensíveis, solidários ou egoístas. Também sofrem suas frustrações e têm seus sonhos. São parceiros de viagem, ainda que dentro de uma sociedade onde valores machistas predominam e, portanto, são, na maior parte das vezes, parceiros desencontrados. Mas, essencialmente, não são os responsáveis pela infelicidade e nem pela felicidade das mulheres, uma vez que essas coisas pertencem à relação do sujeito feminino com sua própria existência.

Finn recebe a visita de seu namorado logo após ter ouvido a história de Sofia. Olha-o com desconfiança: eis aí o inimigo a quem amo mas que quer me prender em sua armadilha. Discutem. É a discussão é uma mostra do jogo de intenções, medos e inseguranças de parte a parte. Com a planta de reforma da sua casa estendida na mesa, eles se debruçam sobre a dúvida da reprodução ou da reconstrução. É possível uma nova relação?

Ana fora empregada doméstica, neta de escravas, negra em casa de patrões brancos no sul dos Estados Unidos. Vive uma relação rápida com um jovem branco, amigo dos patrões. Engravidada, é abandonada, mandada para a casa de Hyn e Gladys, então adolescentes. É ela que mantém a tradição da colcha de retalhos, artesanato desenvolvido pelas escravas para contar suas histórias. É a história de Ana nos diz que as estruturas sociais contaram e muito para lhe fabricar um destino, mas como ela também era parte dessa construção, lutou, abriu espaços e foi o quão longe pôde. E de Ana nasceu Marianna, que viveu outros tempos, estudou em Paris e teve muitos namorados de várias nacionalidades. A vida muda se entrelaçamos os destinos e as lutas contra o Destino.

Finn sente-se perdida no redemoinho de idéias e emoções. Ela, que não confiava em computadores, porque "perdem as coisas", empilha folhas datilografadas. Um dia, uma forte ventania e uma janela aberta. Voam por todos os lados as folhas e as teses. Finn busca desesperadamente recolher a produção perdida. Entre a voracidade da natureza e a sua domesticação em tese, Finn se debate. Fizera uma pergunta a Marianna: entre um amante e um amigo, quem você escolheria para se casar?

Em Revista desta edição, o filme comentado é "Colcha de Retalhos", produção americana de 1996, dirigido por Jocelyn Moorhouse. Quem se lança nessa viagem é a psicóloga Lúcia Afonso, doutora em Educação pela FAE/UFMG, atualmente lecionando no Departamento de Psicologia da Fafich/UFMG.



A resposta foi "escolheria a minha alma gêmea". Mas quem era a sua alma gêmea? O rapaz sensual que a seduzia e lhe trazia suculentos morangos vermelhos ou o namorado mais discreto que é um companheiro terno no cotidiano? Deve seguir o conselho de Ana e não "ficar batendo a cabeça" ou será pior ainda "ficar pensando sobre o que se privou"? Afinal, aonde reside o amor?

Finn escolhe o namorado-amigo, não porque essa seja necessariamente a escolha correta, pois todas as histórias se constroem de escolhas variadas nos matizes diversos das experiências. Como a avó de Ana, que seguira uma ave por uma estrada, até chegar ao homem que amaria, Finn segue o seu próprio desejo. Destino e Desejo se misturam como elementos que ora se completam e ora se contrapõem, em um fluxo por onde se desliza. Diante das possibilidades, é preciso coragem, assumir riscos e mergulhar na própria experiência. Nenhuma autonomia vem de fora mas as histórias vão se articulando em uma colcha de retalhos, tecida no cotidiano, repassada entre gerações e que avança passo a passo. A delicadeza dessa aventura é a tônica do filme. A metáfora da água se completa no nome da personagem. Finn quer dizer "barbatana de peixe", mas, ao mesmo tempo, significa "aquilo que dá força ao peixe para nadar" e também "o que corta as águas", deixando, no seu rastro, não destruição, mas reconstrução, pois a água se corta e não se corta.

1 - Pentimento: termo utilizado por Lilian Hellmann para designar uma pintura feita sobre uma tela onde outra pintura já existia.

MERCOSUL

Psicólogos ajustam legislação profissional para o mercado comum

No último dia 4 de abril a cidade de Montevidéo, no Uruguai, foi palco de um importante acontecimento para a Psicologia sul-americana - entidades representantes dos psicólogos do Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai assinaram o primeiro protocolo comum de legislação da profissão, durante o "IV Encontro Integrador de Psicólogos do Mercosul".

Trata-se de um importante passo rumo à integração dos profissionais da área em torno de uma identidade latino-americana, mas com respeito às diferenças culturais existentes em um espaço onde trabalham cerca de 150 mil psicólogos. Enfatizando aspectos formais do exercício da Psicologia, o acordo é o primeiro a ser realizado entre profissionais liberais, constituindo uma contribuição importante para o avanço do projeto do mercado comum.

O documento foi assinado pelas entidades representantes dos psicólogos de cada país - Conselho Federal de Psicologia, Brasil; Colégio de Psicologia do Chile; Sociedade Paraguai de Psicologia; Coordenadoria de Psicologia do Uruguai; e Federação dos Psicólogos da Argentina. Na delegação de 11 psicólogos brasileiros, o CRP-04 foi representado pelo conselheiro Américo Galvão Neto. O protocolo resulta de encontros anteriores e será referência para as entidades dos países do Mercosul, em se tratando de legislação e fiscalização do exercício profissional dos psicólogos oriundos de outro país membro.

Questões que envolvem a formação profissional são pontos-chave para a efetiva integração. Durante o evento, a Comissão responsável pelo tema decidiu não definir um currículo básico, optando pela indicação de princípios norteadores a serem elaborados no próximo encontro. Ficou ainda definido que a Argentina sediará a secretaria dos psicólogos do Mercosul, além de surgir a proposta de construção da União dos Psicólogos Latino-Americanos. O II Encontro Temático será realizado nos dias 21, 22 e 23 de agosto deste ano, em Assunção, no Paraguai. O Protocolo de Ética será firmado em dezembro de 97, no Chile.

Os psicólogos ou estudantes de Psicologia brasileiros interessados em enviar trabalhos para o II Encontro Temático de Psicólogos deverão encaminhá-los ao Conselho Federal de Psicologia até o dia 10 de julho de 97. Os trabalhos serão avaliados pelo Comitê Brasileiro de Psicólogos do Mercosul, e após seleção serão enviados ao Paraguai. Maiores informações sobre os temas e padrões de apresentação e a inscrição no evento com o CFP, pelos telefones (061) 223.1811 ou 223.1947.

Confira, ao lado, a íntegra do acordo assinado.



MARCELO XAVIER

Protocolo de acordo sobre aspectos legais do exercício profissional dos psicólogos no Mercosul

Na cidade de Montevidéo, aos quatro dias do mês de abril de 1997, reuniram-se os presidentes das instituições representativas dos psicólogos dos países membros do Mercosul, a saber, Federación de Psicólogos de la República Argentina, Conselho Federal de Psicologia, Colegio de Psicólogos de Chile, Sociedad Paraguaya de Psicologia e Coordinadora de Psicólogos del Uruguay, para rubricar o presente Protocolo de Acuerdo Marco segundo as seguintes cláusulas:

Primeira: o presente protocolo será de aplicação para os aspectos legais que cada uma das entidades dos países membros aplique ante a presença e/ou permanência em trabalho de profissional psicólogo, oriundo de outro país membro.

Segunda: a Federación de Psicólogos de la República Argentina, o Conselho Federal de Psicologia do Brasil, o Colegio de Psicólogos de Chile, a Sociedad Paraguaya de Psicologia, a Coordinadora de Psicólogos del Uruguay ou as entidades análogas que as substituam no futuro se constituem em órgãos de aplicação do presente protocolo.

Terceira: os efeitos do presente Protocolo se entenderão:

- Por aspectos legais, os derivados do cumprimento das normas impositivas, fiscais, preventivas, de habilitação acadêmica, de leis de formação e de habilitação profissional existente em cada um dos países membros, para os profissionais psicólogos.
- Por presença e/ou permanência em trabalho, a prestação de serviços profissionais que impliquem um reconhecimento como tal, em qualquer âmbito ou área da Psicologia, com ou sem percepção de remuneração.
- Por profissional psicólogo, aquele que obteve seu título de grau cumprindo requisitos universitários próprios de cada país, e que possui habilitação profissional em seu país de origem outorgada pela entidade encarregada de tal efeito.

Quarta: cada uma das entidades representativas dos psicólogos, firmantes do presente Protocolo, estabelecerão os procedimentos administrativos para estender a habilitação profissional a um profissional psicólogo que solicite. A partir de solicitação correspondente e quando a mesma for considerada completa, segundo as leis e regulamentação do país.

Quinta: Cada uma das entidades firmantes do presente Protocolo informará, ao menos anualmente, a modificação e/ou existência de novas leis, regulamentos ou normativas que afetem o exercício profissional do psicólogo em cada um dos países membros. Também cada uma das entidades facilitará a informação específica solicitada pelas outras entidades dos países membros.

Sexta: as cláusulas precedentes não impedem as entidades firmantes de adotar as medidas que considerarem necessárias no cumprimento das obrigações existentes em cada país, com aplicação de cláusula anterior.

Neste número, o JP conta com a preciosa colaboração da psicanalista e ensaísta Maria Rita Kehl. O texto aqui publicado é a apresentação do seu livro "A Mínima Diferença - Ensaios sobre Psicanálise e Cultura", editado em 1996 pela Imago, Rio de Janeiro. Nele a autora desenvolve uma instigante reflexão sobre a questão da diferença no mundo contemporâneo.

Maria Rita Kehl

O tema da diferença tem um lugar de destaque no ideário pós-moderno. Mas a defesa das "diferenças" nem sempre é tão libertária quanto pode parecer. Explico: a prática da psicanálise tem me mostrado que, se existe uma perspectiva de cura para os sujeitos das sociedades de massa, como superação das estruturas neuróticas individuais e da "mais-alienação" aos discursos constituídos (o que é quase a mesma coisa), esta cura passa pela afirmação do que, em cada sujeito, é singular e irreduzível. "A vocação do dispositivo analítico", escreveu Suely Rolnik num texto com o qual concordo plenamente¹, "é criar condições de escuta das diferenças que se agitam na constituição de nossa subjetividade". Nada poderia parecer mais consoante com a idéia da diferença do que a perspectiva de que cada sujeito possa se dizer *um*, num contexto em que tudo se massifica, se industrializa, se globaliza. No entanto, quando se fala em diferença, a referência não são as singularidades e sim a produção de *identidades*. Prosseguindo um pouco ainda com Rolnik: "as diferenças às quais me refiro não têm um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação - as supostas características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguem de todos os outros. Ao contrário, refiro-me às diferenças no sentido daquilo que vem justamente abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade."

As identidades são as próteses subjetivas produzidas nas sociedades de massa - e quem vive o século XX, em qualquer período, sabe que a afirmação das diferenças constituídas como formação de grupos identitários tem tido antes o efeito de produzir a intolerância do que o diálogo e a convivência na diversidade. É inevitável que

A Massificação das "Diferenças"

agrupamentos sociais se diferenciem e se representem segundo traços identificatórios sexuais, raciais, nacionais, étnicos, religiosos e, por que não (embora possa parecer anacrônico), de classes. Mas esperar que a marca identitária dê conta da subjetividade, que a pertinência a um grupo defina, por exemplo, para os indivíduos os caminhos a serem percorridos pelo desejo e o objeto de sua satisfação é, a meu ver, um dos modos contemporâneos de alienação.

Duas passagens, na teoria freudiana, nos ajudam a entender a produção das identidades como artifício protetor de nossa solidão subjetiva diante do enigma do desejo. A teoria do Complexo de Édipo analisa o trajeto percorrido por toda criança, do estado polimorfo infantil à organização genital sexuada; mas Freud adverte: esta organização é produzida pelo recalque dos amores edípicos e, conseqüentemente, pela identificação aos ideais parentais de gênero, dados pela cultura. Assim, prossegue, ninguém nasce homem, ou mulher; tornamo-nos homens ou mulheres, ao fim de um percurso que exige de cada um o abandono das disposições bissexuais primárias, das potencialidades polimorfas, da indiscriminação infantil. O inconsciente, se é todo sexual, não é sexuada; se para Freud, "anatomia é destino", isto significa que a partir da "mínima diferença" inscrita em nossos corpos temos que nos constituir homens e mulheres às custas de tudo o que, do ponto de vista do inconsciente, é indiferenciado.

A teoria lacaniana avança um pouco sobre este ponto sugerindo que "linguagem é destino", é a cultura que nos designa destinos diferenciados como homens ou mulheres. Do ponto de vista do inconsciente, a diferença - embora fundamental - também é mínima: depende do modo de inscrição dos sujeitos, homens ou mulheres, sob a ordem fálica que organiza o desejo,

mas que não fixa necessariamente o gênero à sexualidade. Feminilidade(s) e masculinidade(s), vamos encontrá-los distribuídos entre homens e mulheres em combinações tão variadas, que no limite poderíamos pensar numa sexualidade para cada indivíduo. O que torna impossível se agrupar as diferenças em identidades, a não ser às custas justamente das pequenas diferenciações subjetivas, individuais, que mais nos interessam.

No caso das mulheres, as "implicações da bissexualidade psíquica referida em primeiro lugar às duplicações da anatomia" para as quais Lacan² nos chama a atenção (bem de acordo com Freud, aliás) e a falha no recalque de aspectos dessa bissexualidade em função da relação particular da menina edípica com a castração faz com que a masculinidade nunca esteja totalmente banida, nem das modalidades de satisfação sexual, nem do campo secundário das identificações. Não se trata aqui de reivindicar uma "igualdade", à maneira dos movimentos feministas contemporâneos mas de constatar - o que é muito menos confortável - uma indiscriminação entre os campos masculino e feminino, tornada evidente na pós-modernidade, quando um relaxamento na repressão (não no recalque) imposta pelos costumes deixa de produzir as diferenças aparentemente "fundamentais" entre homens e mulheres. O desconforto provém da constatação de que a aproximação entre estes campos produz muito mais intolerância do que diálogo, muito mais rivalidade do que desejo.

Aqui entra a segunda passagem que me interessa na teoria freudiana, referente ao tema do narcisismo e do ódio, primeiro afeto mobilizado no homem diante de um semelhante: a idéia do *narcisismo das pequenas diferenças* proposta por Freud no "Mal Estar na Civilização", de 1929/30. Nesse texto fundamental, Freud exami-

na as contradições produzidas por uma cultura que exige o recalque das tendências destrutivas/agressivas dos sujeitos em nome da felicidade coletiva, e antecipa a catástrofe que se abateu sobre quase toda a Europa na década de trinta. O narcisismo, modo de satisfação privilegiado das pulsões do *eu*, tolera mal a convivência com o diferente - daí o caráter totalmente *reativo* do mandamento "ama o próximo como a ti mesmo" ! - mas suporta menos ainda o confronto com o *minimamente diferente*, aquele que ameaça não apenas o campo da satisfação das necessidades vitais dos sujeitos como o das identificações, o campo imaginário em que o *eu* constitui os atributos que compõem o narcisismo secundário.

Assim, uma atualização do que a psicanálise teria a dizer a respeito das sexualidades hoje deveria tratar as mínimas diferenças que separam os campos masculino e feminino, sem no entanto ignorar a enorme aproximação entre eles. Chamo a atenção do leitor para as conseqüências desta aproximação entre os campos em termos dos antagonismos que possam vir a provocar e que promovem, estes sim, a constituição de *identidades* sob as quais os indivíduos tentam salvaguardar o narcisismo, reivindicando furiosamente suas *pequenas diferenças*.

Examinando um pouco mais de perto algumas formações culturais contemporâneas, chego a me perguntar: que diferenças não se encontram, hoje, reduzidas à sua dimensão mínima e essencial? Quais as implicações éticas disto que foi se produzindo devagar, ao longo de duzentos anos de modernidade - a multiplicação/circulação de modalidades discursivas e conseqüentemente subjetivas, permitidas e incentivadas nas (já velhas) sociedades de mercado e nas atuais culturas "da comunicação"?

Se a modernidade representou algum progresso verdadeiro no sentido da emancipação dos sujeitos e da ampliação das possibilidades humanas, penso que foi justamente este: a redução das diferenças ao mínimo essencial, eliminando os aspectos puramente repressivos que as mantinham - e ao mesmo tempo, a criação de um campo de infinitas possibilidades de singularização no que concerne à criação de estilos subjetivos e à circulação dos desejos. Que este progresso não se perca na luta corporativista das identidades em nome do *narcisismo das pequenas diferenças*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ROLNIK Suely, "O Mal Estar na Diferença", em *Anuário Brasileiro de Psicanálise*/1995. Rio: Relume-Dumará, 1995.
- 2 - LACAN Jacques, "Idéias Diretivas para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina" (1960) em *Escritos* vol 2. Madri: Siglo Veintiuno, 1993.

AGENDA

O IEPSI - Instituto de Estudos Psicanalíticos - estará oferecendo, além dos seminários de longa duração, diversos cursos aos sábados. O próximo "Introdução à Clínica Psicanalítica" - será no dia 21 de junho. Os interessados devem ligar para (031) 296.7544.

O Instituto Milton H. Erickson de Belo Horizonte está oferecendo, além de seus cursos e grupos de estudos regulares, cursos de formação de terapeutas ericksonianos durante todo o ano de 97. Os próximos são "Diagnóstico Ericksoniano", dia 21 de junho, e "A Técnica da Semeadura e o Diamante Ericksoniano", dia 12 de julho. Maiores informações pelo tel. (031) 296.5299 e fax (031) 337.8221.

O Instituto Felix Guattari / Fundação Gregório Baremblioff oferece, dentro de seu Programa Amigo de Formação Contínua em Esquizoanálise, o curso "Contribuições de Grandes Artistas e Literatos à Esquizoanálise", com início no dia 7 de agosto. Estarão sendo oferecidos, também, o "Curso Intensivo de Famílias", que propõe uma abordagem transdisciplinar dos dispositivos familiares, e o "Curso Intensivo de Análise Institucional e Esquizoanálise". Maiores informações pelo tel. (031) 221.7352.

Será realizado nos dias 20, 21 e 22 de junho de 97, em Tucumán, Argentina, o "9º Congresso Argentino de Psicologia". Tendo como tema central as teorias e práticas no final de século, o evento abordará a questão da violência, a Aids, os transtornos de alimentação, a ética, estética e representações sociais, o desemprego e as problemáticas de gênero, entre outros. Mais informações com o Colegio de Psicólogos de Tucumán, em Córdoba, pelo tel. 217.115 e fax 220.416.

"Novas Construções em Terapia Familiar" é o tema do congresso que será realizado de 3 a 6 de julho de 97, em Brasília, pela Workshop Events Internacionais. O congresso tem como tema principal a construção de uma psicoterapia para o povo e contará com a presença de profissionais de destaque na área, tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos e Itália. Maiores informações pelo telefax (019) 231.9955 ou e-mail eventos@correionet.com.br.

Será realizado no período de 6 a 11 de julho, em São Paulo, o "XXVI Congresso Interamericano de Psicologia". Maiores informações pelo fax (55) (11) 852.4062 e 813.8895, ou ainda pelo e-mail sipcon97@org.usp.br.

O Conselho Federal de Psicologia, junto à Federação de Psicólogos da República Argentina, Sociedade Paraguai de Psicologia, Coordenadoria de Psicólogos do Uruguai e Colégio de Psicólogos do Chile realizarão, de 21 a 23 de agosto de 97, em Assumpção, o "2º Encontro Temático de Psicólogos do Mercosul". Em pauta, "as práticas psicológicas e a regionalização - interrogações e respostas". Informações e inscrições pelo tel. (595-21) 70.743.

A UnB e o Centro de Ensino Unificado de Brasília realizarão, de 22 a 26 de agosto de 97, em Brasília, o "VII Encontro Nacional dos Psicólogos da Área Hospitalar", que terá como eixo de discussão a abrangência, as tendências e os desafios que o profissional encontra nessa área de atuação. Maiores informações pelo tel. (061) 348.2624 e 349.6261, fax (061) 273.0398 e e-mail enpah@unb.br.

O Conselho Regional de Psicologia da 8ª Região (CRP-08) promove, de 27 a 30 de agosto, o "IX Encontro Paranaense de Psicologia", em Foz do Iguaçu. O evento reunirá profissionais de várias localidades para discutir as áreas de saúde, educação e trabalho. Maiores informações e inscrições pelo telefax (041) 336.2828.

Por iniciativa do Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Curso de Pós-Graduação da PUC/SP, Summus Editorial e Editora Ágora e com o apoio de diversas escolas reichianas nacionais e internacionais será realizado, de 25 a 29 de agosto, em São Paulo, o "Encontro Comemorativo do Centenário de Wilhelm Reich". Maiores informações na Memnon Edições Científicas pelo tel. (6941) 941.9221.

Tendo como tema central "o impacto da globalização na saúde mental", será realizado, de 28 a 30 de agosto de 97, em Curitiba/PR, o "VI Congresso Brasileiro de Psiquiatria Clínica" e o "Congresso de Psiquiatria Clínica do Mercosul". Os eventos são uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Psiquiatria Clínica. Maiores informações com a Ekipe de Eventos, pelo tel. (041) 342.1247.

A Sistemas Humanos - Clínica Interdisciplinar de Psicologia estará oferecendo diversos cursos em 1997, entre eles "Epistemologia Clínica", com início no dia 11 de agosto, e "Fonoaudiologia Hospitalar", no dia 4 de setembro. Dividida em dois setores - Ensino e Prestação de Serviços - a Sistemas Humanos fica na Rua Fernandes Tourinho, 999 / 5º andar, em Belo Horizonte. Maiores informações pelo tel. (031) 225.7029 ou telefax (031) 223.8210.

A Sociedade Brasileira de Psicoterapia Junguiana - SBPJ - realizará, de 11 a 14 de setembro de 97, em São Paulo, o "IV Congresso Brasileiro de Psicoterapia Junguiana". Na programação, os temas "Individuação", "Sonhos" e "Jung - A Grande Convergência". O evento contará com a presença de representantes de institutos junguianos de Los Angeles e Zurich. Maiores informações e inscrições pelo telefax (019) 231.9955 ou e-mail eventos@correionet.com.br.

Será realizado de 8 a 12 de outubro de 1997, no Palácio da Academia das Ciências Russas, em Moscou, Rússia, o XV Congresso Internacional de Ontopsicologia. O evento tem como tema-chave a discussão de "premissas humanísticas para o terceiro milênio". Maiores informações com a Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO), à Rua Piauí, 352, Higienópolis, São Paulo/SP. Telefax: (0055) (11) 259.0012.

A Psicanálise aplicada à organização do trabalho é o ponto de partida que norteará os cursos "Análise Institucional de situações de trabalho" e "Estruturas do sujeito e organização do trabalho", a serem ministrados pelo psicólogo, psicanalista e analista institucional Luiz Carlos Brant. Maiores informações e inscrições com a Interfaz pelo tel. (031) 281.4505.

Com o objetivo de complementar o instrumental de realização de psicodiagnóstico e seleção, está sendo oferecido um curso sobre Teste Palográfico. Informações no CEPPA - Av. Afonso Pena, 3924 / s. 504 - ou pelo tel. (031) 225.0589.

CONVÊNIOS

Aqui publicamos os últimos convênios firmados pelo CRP-04 que se encontram à disposição de seus inscritos.

- **Best Design Gráfica Expressa**
Shopping 5ª Avenida - Loja 25/C. Telefax: (031) 281.0051.
10% de desconto sobre trabalhos gráficos
- **Núcleo do Ser Homeopatia**
R. Congonhas, 553 - Tel: (031) 342.1355.
10% de desconto
- **Núcleo Radiológico Brasil Ltda.**
Av. Brasil, 82 - Loja 5 - Tel: (031) 241.4423
25% sobre o preço de tomadas radiográficas
- **Aliança Francesa**
R. Tomé de Sousa, 1418. Tel: (031) 291.5187 e 292.6590.
10% de desconto no pagamento à vista do semestre ou 5% em cada mesalidade.
- **Livraria do Psicólogo**
R. Curvelo, 132 - Lojas 25 a 27. Tel: (031) 273.5808 e 224.0663. 20% na compra de livros e 10% na compra de testes
- **Ótica Pupila Ltda.**
Rua Tupis, 149 - Loja 5. Tel: (031) 222.3131.
25% de desconto nas compras à vista

CLASSIFICADOS

Sublocam-se salas e/ou horários em consultório de Psicologia localizado na Avenida Prudente de Moraes, 290 / sala 602, Cidade Jardim. Tratar com Ana Paula pelo tel. 296.3777.

Subloco horários em consultório de Psicologia no Centro, para atendimento individual. Tratar com Carla pelo tel. 212.3661, entre 19 e 21hs.

Divido sala já montada no bairro Mangabeiras (ponto das linhas de ônibus 4001 e 2002). Valor: R\$ 110,00 para cada um. Divisão igualitária do tempo de utilização da sala. Tratar com Jean pelo tel. 282.2112.

Subloco consultório bem montado na região hospitalar. Tratar com Joene pelos tels. 296.7427 ou 978.3082.

Procura-se psicólogo (a) interessado (a) em dividir consultório já montado na Rua da Bahia, 1345. Falar com Alair pelos tels. 222.9367 ou 221.3756.

Subloca-se consultório nos horários da manhã, tarde e noite, à Rua Guajajaras, 910 - S. 1018. Tratar com Mirtes pelo tel. 388.2250 ou Cristina pelo tel. 375.2651.

Alugo sala nova em três dias da semana. Ótima localização: Contorno, 4614, s. 905, no Funcionários. Tratar com Leonor pelo tel. 223.3233 ou 344.2232.

Divide-se consultório de Psicanálise na Av. Contorno, 3731, sl. 104. Tratar com Lúcia pelo tel. 273.3377 / R. 259 (de 7 às 10hs), 483.1391 ou 983.1391.

Divide-se consultório à Rua Professor Moraes, 714 / 1004. Tratar com Laura pelo tel. 227.8856.

Subloca-se consultório à Rua Professor Moraes, 562 / 110. Tratar com Rosana pelo tel. 223.8609 ou 226.4422.

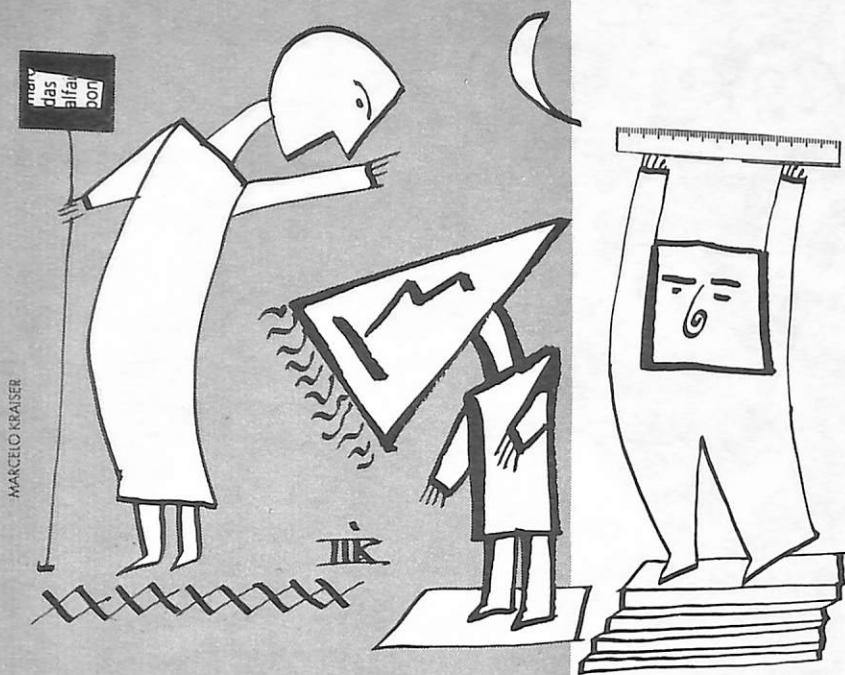
Subloca-se ou divide-se consultório à Rua Padre Rolim, 18. Tratar com Maria Aparecida pelo tel. 241.5652.

Vende-se consultório completo (divã, estante, mesa/tempo de vidro, duas gavetas, duas cortinas, duas cadeiras, um baú). Tratar com Tânia Mara pelos tels. 952.3301 e 383.3302.

SETORIAIS

Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo

Espírito Santo (EES) - Representante setorial: Lígia Gravatá - Rua Desembargador Sampaio, 40 sala 301 Ed. Top Center, Praia do Canto, Vitória/ES - Cep 29055-250 - Tel.: (027) 324-2806. **Triângulo Mineiro (ESTM)** - Conselheiro residente: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro. Uberaba/MG - Cep 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522. **Zona da Mata (EZM)** - Conselheiro residente: Américo Galvão Neto - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora/MG. Cep 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.



Nesse número, o JP publica o resumo da tese de Doutorado da psicóloga Ângela Nobre de Andrade, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, em maio de 1996, a tese aborda questões que atravessam a formação acadêmica. Os interessados em conhecer o trabalho podem contactar o CRP-04, que dispõe de uma cópia para consultas.

A Angústia frente ao Caos

Um estudo genealógico da formação do psicólogo clínico

Ângela Nobre de Andrade

Este trabalho teve por objetivo desenvolver uma avaliação genealógica de algumas práticas clínicas (em Paris e São Paulo) vigentes na formação acadêmica do psicólogo. Além de apontar para a diversidade heterogênea dessas práticas, este estudo procurou avaliar a proveniência de uma dimensão Ética - definida aqui como um acolhimento à diferença emergente no encontro - em práticas que se caracterizam historicamente como reforçadoras do pensamento metafísico predominante nas sociedades ocidentais contemporâneas.

A diversidade de teorias e práticas psicológicas apontam diretamente para a impossibilidade da construção de uma ciência psicológica autônoma, na medida em que esta pressupõe uma unidade que nunca foi alcançada pela Psicologia. Ao contrário, observamos uma pluralidade de teorias calcadas em diferentes (e às vezes antagônicas) modos de conceber o homem e a sociedade. Cada nova abordagem na Psicologia surge como possibilidade de ser única e verdadeira, desprezando as outras como insuficientes e incapazes de "dar conta" do objeto psicológico. Trata-se da crença em verdades universais e estruturas básicas explicativas para as dores humanas e sociais. Essa crença é subsidiária do projeto moderno de construção social, que pretende um indivíduo racional, estável e asséptico, mas depara-se entretanto, com um ser humano pleno de paixões e impulsos não capturáveis pelo mundo representacional.

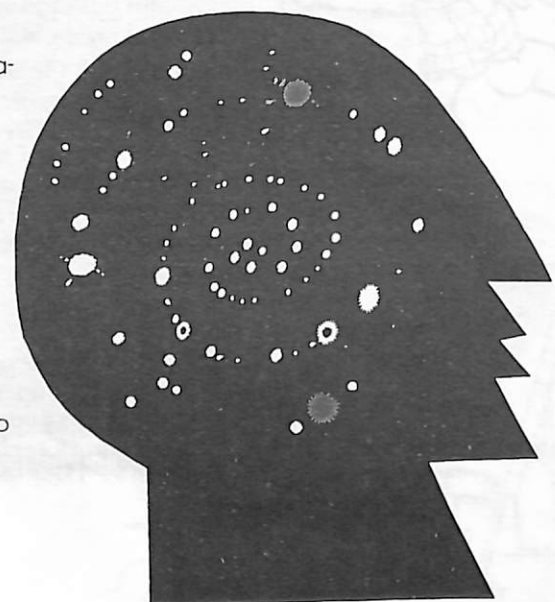
Em contraposição a esse pensamento instituído com base em modelos e identidades bem definidos, o qual reproduz uma Moral transcendente, encontramos um processo de pensamento que acolhe a diferença como imanente a qualquer configuração; ou seja, o psicológico deixa de ser pensado como normas ou configurações passíveis de serem representadas em sua totalidade e passa a ser acolhido enquanto processualidade, produção permanente de diferença que advém de um embate processual e circunstancial de forças. Essa ética vem confrontar o modo dominante de nosso pensamento de pensar o caos como desordem, confusão, para pensá-lo enquanto proliferação de diferença que, por não se deixar enquadrar dentro de formas fixas e constantes, aponta para a processualidade presente em qualquer configuração. Aqui, a diversidade caótica da Psicologia deixa de ser avaliada em termos de insuficiência teórica ou falta de rigor e objetividade, mas passa a ser vista como fundamento do próprio objeto da Psicologia que não se deixa capturar em leis fixas e universais.

Esta pesquisa avaliou, principalmente, as situações de estágio clínico acadêmico, por ser um momento privilegiado de encontro

com a alteridade, em que as diversas interpretações teóricas possibilitam, mais ou menos, um acolhimento à diferença ali engendrada. Essa avaliação se deu a partir de vivências informais e entrevistas junto aos estagiários assim como de observações de supervisões de estágio clínico.

As avaliações dessas experiências apontam para uma tendência ainda predominante, da instituição de uma Psicologia positiva ancorada na metafísica. Entretanto, a diversidade de práticas e teorias (muitas vezes antagônicas) assim como o caráter processual do psicológico parecem gerar "uma angústia" no alunado que, alicerçado por alguns contextos, passa a questionar o valor de verdade das teorias e instituir uma dimensão ética em suas práticas, que está para além dos discursos e interpretações dominantes no espaço acadêmico. A possibilidade de suportar tal angústia aparece como fundamental para que o aluno possa desenvolver uma certa tensão entre teoria e prática (criando um estilo próprio), evitando "abraçar" uma teoria como dogma e receita para aplacar a angústia. Este acolhimento ou suporte à angústia advém de um processo de reflexão, que se dá a partir daquilo que afeta o aluno, nos diversos contextos em que a multiplicidade é considerada imanente ao fazer psicológico. Este não é administrado como uma técnica ou uma especialização, mas como uma ética ou uma postura que vem sendo instituída ao longo dos diversos encontros. Encontros que não se reduzem à experiência "tête à tête" da clínica, mas atravessam toda a formação do aluno: literatura, filosofia, movimentos políticos, participação nos acontecimentos acadêmicos, assim como algumas disciplinas teóricas (consideradas mais críticas) e algumas supervisões de estágio (consideradas como acolhedoras da alteridade e angústia presentes nas práticas de estágio).

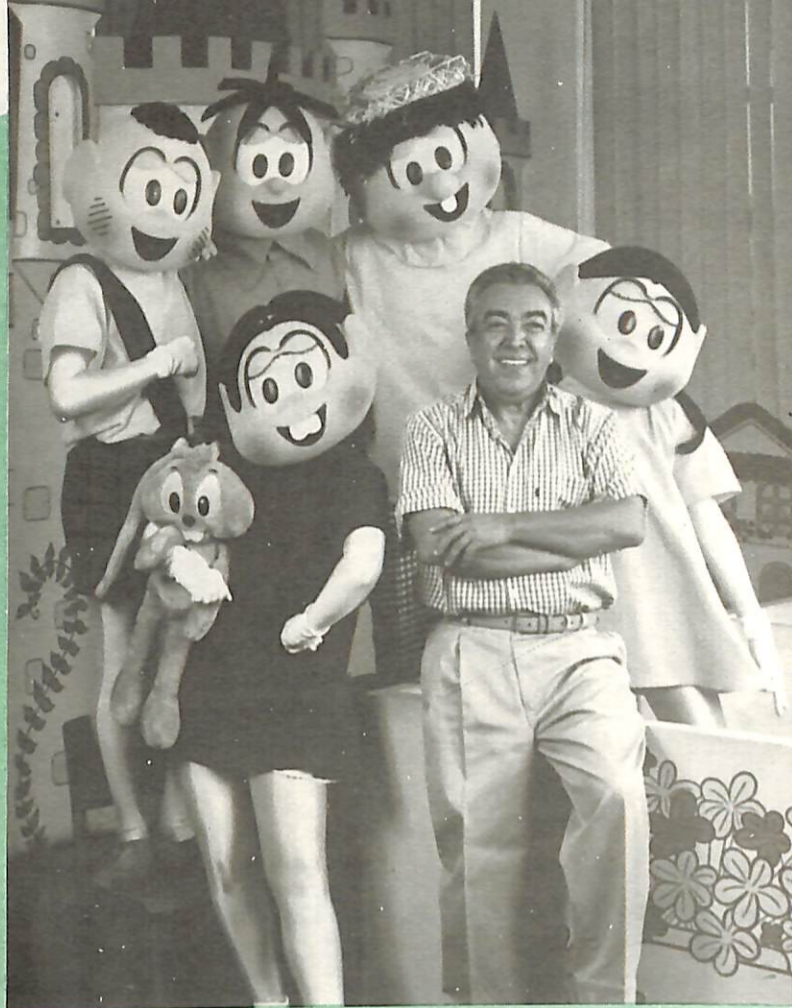
Diferentemente das pesquisas sobre formação desenvolvidas até o momento, o aluno não aparece aqui como um "sujeito" alienado, submisso às forças dominantes reprodutoras dos valores morais vigentes. Ele aparece como alguém que, no embate de forças vividas ao longo da formação, constrói (ou não) um olhar clínico que o sereniza no acolhimento à diferença e, no mesmo movimento, o leva a problematizar todo o campo teórico da Psicologia que se apresenta como valor de verdade ou um modelo totalizante do psicológico.



FÁBULAS CONTEMPORÂNEAS

O universo de Maurício de Sousa

Ele faz a delícia de milhões de crianças brasileiras com um produto que cruzou as fronteiras do país, fruto de quase 40 anos de prancheta. Estamos falando do cartunista Maurício de Sousa, pai da "Turma da Mônica". Filho de poetas, nascido em Santa Isabel, pequena cidade do interior de São Paulo, ele vem desenvolvendo um trabalho ininterrupto de criação de personagens que hoje já conta 200 "seres". Tudo começou em 1959, quando o jornalismo perde um competente repórter policial para dar às crianças um companheiro de viagem. De lá para cá, nove filhos, seis netos e três casamentos depois - atualmente com Alice Takeda, mãe de seus três menores e diretora de arte do estúdio - Maurício virou nome de empresa. Mais exatamente do quarto maior estúdio de HQs do mundo, onde uma equipe de 300 pessoas produz, além dos quadrinhos, vídeos, CDs e CDs Rom, desenhos animados em longa-metragem. Seus personagens saltaram dos quadrinhos para o cinema, o teatro, a publicidade, as campanhas educativas e até mesmo para um parque, o "Parque da Mônica", no Shopping Eldorado, em São Paulo. Em entrevista ao JP, ele revela as suas fontes de inspiração para criar os personagens, relata situações em que seu trabalho esteve na mira dos "politicamente corretos de plantão", expressa a sua confiança no potencial da meninada e provoca o leitor ao afirmar que "as pessoas nunca mudam". Conheça um pouco do cara que faz a cabeça dos seus filhos, e talvez até já tenha feito a sua. Com a palavra, Maurício.



- Como era a "cena" da HQ no Brasil, quando você começou?
- Havia muitas revistas e material para televisão e cinema. A comunicação em geral estava se desenvolvendo muito, mas o "pesado", mesmo, era americano. Fui o primeiro a montar um esquema vitorioso e que se mantém, mas antes de mim teve muita gente, como o pessoal da Revista Tico-Tico. Comecei a produzir numa época em que havia uma concorrência gigantesca. Com a ditadura, houve uma paralisação total. Quase todos os desenhistas brasileiros pararam. A nova safra começou depois. Hoje a maioria das histórias que estão surgindo são de aventura, super-heróis. Os Estúdios Disney fazem uma espécie de barreira contra o surgimento de novos produtos. Mas a gente ficou numa posição tão forte que consegue superar isso.

- O seu trabalho deve ser referência forte em toda parte. Ele circula no exterior?
- O nosso estúdio é o quarto do mundo. Antes de nós estão os estúdios que trabalham também com desenhos animados: os complexos Disney, Hanna Barbera e Hello Kids, do Japão. Estivemos em vários países por alguns anos, e depois, por falta de desenho animado, perdemos mercado. Começamos a fazer desenho animado, e agora vamos tentar recuperar esses países que perdemos. Estávamos em mais de 20 países. Estamos recuperando aos poucos, e já circulamos na Itália, Indonésia, Holanda e Bélgica, lugares onde não ínhamos entrado ainda.

- Como foi o processo de criação de seus personagens? De onde vem tanta intimidade com o universo infantil e seus mecanismos?
- O processo de criação que adotei desde o início foi o de observação e manutenção dessa observação, ou seja, acompanhamento de crianças que inspiraram os personagens. Se a Mônica, minha filha, virou personagem, eu bebia na própria Mônica verdadeira. Da observação psicológica eu criei a personalidade. E como ninguém muda, continuo em contato com a Mônica, ela continua a mesma coisa e me alimentando do mesmo jeito, com a carga humana muito forte que ela tem. E o personagem então fica forte, fica ágil, fica vivo, mas principalmente fica identificável. Toda mulher acha que tem alguma coisa da Mônica. A Magali é a mesma coisa, uma personagem que nasceu da minha observação. E a Magali era comilona e continua sendo até hoje. Tá vendo? Eu não inventei nada. Cascão e Cebolinha eram apelidos de moleques que existiam realmente e tinham essas características: o Cebola falava errado e o Cascão não gostava de tomar banho. Como também os personagens mais novos. Tenho nove filhos, é o meu laboratório.



- Seus primeiros personagens eram meninos. Quando as meninas entraram em cena?
- Foi uma coisa que me deixou até preocupado. No início eu tinha só personagens masculinos, e estava "muito bem obrigado" fazendo as minhas historinhas até que alguém me chamou a atenção no jornal - "Por que você não desenha personagens femininos? É misógino, ou qualquer coisa assim?". Daí fiquei pensando porque um personagem feminino não tinha nascido até aquele momento. E cheguei à conclusão que era porque eu colocava nas HQs, e coloco até hoje, muita coisa da minha vivência. E eu estava colocando o que tinha vivido a pouco tempo. Brincadeiras de rua, relacionamento com a criançada, tudo com homem. Eu não sabia escrever HQs de mulher porque não tinha experiência, não sabia como funcionava a cabeça de mulher, como é que age, que reage. E aí, como é que eu faço? Vou fingir? Mas sairia uma coisa falsa. Com o nascimento de Mariângela,

- Como você começou a criar histórias em quadrinho?

- Sempre gostei de desenhar desde criança, e depois de algum tempo consumindo histórias em quadrinho, resolvi fazer a minha própria HQ. Saí de Moji das Cruzes para a capital, com 19 anos, para tentar a sorte em São Paulo. Enquanto ainda não conseguia o trabalho que queria, fui fazendo outra coisa na vida: havia uma vaga de repórter policial no jornal Folha da Manhã, eu passei no teste e virei repórter policial. Trabalhei nisso durante seis anos. Quando não se conseguia fotos para as minhas matérias, eu as ilustrava. Mas queria, mesmo, ser desenhista. Depois de alguns anos, tive que optar entre virar um excelente repórter policial ou um desenhista, e optei pelo desenho. Criei a minha primeira história em 59, com o Franjinha e seu cachorrinho, e passei à redação. Eles aprovaram a publicação e eu pedi demissão da reportagem e virei desenhista de HQ. Daí descobri apavorado que o desenhista de HQ ganhava a mesma porcaria de salário do repórter - naquele tempo era realmente ridículo - e precisava fazer o que também o jornalista faz - ter o segundo emprego para auxiliar na despesa. Ao invés do segundo emprego, eu resolvi criar a segunda tira, surgindo o Cebolinha para pagar as dívidas antigas. E precisava criar mais uma, para ter alguma folga. A terceira foi o Piteco. Mas vi que três tiras por dia para um jornal era muito trabalho. Então precisava de contratar um auxiliar para me ajudar. E para pagá-lo, criei a quarta tira. E assim foi, até eu ter 300 elementos na equipe.

- Quais foram as suas influências?

- Como todos da minha época, fui influenciado pelas HQs americanas. No meu caso especificamente, por HQs como as antigas do Brucutu, Ferdinando, o roceiro americano, e principalmente, no que toca à narrativa, pela "Spirit", de Will Eisner. Hoje até somos amigos. Esse autor faz HQ policial, para adulto, mas influenciou muito o meu estilo. Tudo o que eu faço hoje tem sempre o jeitinho dele.



Mônica e Magali, passei a observá-las, o que fazia naturalmente. E quando a gente observa um filho, começa a detectar e entender pelo olhar, pelo gesto, pela expressão corporal, facial, o que ele está pensando, querendo, gostando, não gostando. Passei a entender a linguagem e o pensamento delas, e daí foi um pulo para eu pegar o papel, desenhar uma espécie de caricatura das meninas e preencher essas caricaturas com a personalidade de cada uma. Cada personagem veio com a carga toda que eu tinha sentido. Quando comecei a usar as personagens femininas com essa carga toda, as meninas pularam na frente dos meninos e roubaram a cena. E foi aí que comecei a pensar como uma boa observação é compensadora. Você consegue achar bons personagens. Por outro lado, eu criei os personagens femininos inspirados nas minhas filhas, que cresceram, tornaram-se adultas, casaram, tiveram filhos... como é que fica a personalidade de cada uma à luz das primeiras observações e agora, 30 anos depois? Elas continuam as mesmas, são as mesmas pessoas.



dá pinceladas, para que as pinceladas depois formem um quadro. O Penadinho, por exemplo, é um personagem que dá toques no sentido de contribuir para a desmistificação da morte e dos medos da infância.

Como assim?

- Eu percebi que pode-se absorver cultura, conhecimentos para viver em sociedade, coloca-se um verniz, mas as pessoas vêm do jeito que vêm. Em um jornal de psicólogos provavelmente muita gente vai falar "é mentira, não é assim, não é assado", mas eu vi, eu vejo, eu acompanho e eu provo. A Mônica, conseqüentemente, hoje é a diretora da nossa área comercial mais rentável, porque ela briga, ela luta, ela vai atrás e mais da metade do faturamento da empresa hoje na área de merchandising é fruto do trabalho dela. E a Magali comia uma melancia inteira e hoje come uma pizza inteira. Ela é delicada, feminina, gentil, e magra! Como é a Magali personagem. No começo eu ficava preocupado: ué, mas ninguém muda?! Daí percebi que a reação natural das pessoas continua a mesma, ninguém muda a personalidade.



Em seus personagens, alguns sintomas infantis estão cristalizados numa característica principal, como o fato da Mônica carregar sempre seu objeto de estimação, o símbolo do seu poder. O que você pretende transmitir ao universo infantil com essa forma de abordar o sintoma?

- Não estou tentando transmitir nada, porque o conteúdo já está sendo transmitido pelas próprias crianças. A criança que tem a sua bonequinha, carrega o seu cobertorzinho para baixo e para cima, é quem está passando a mensagem. Qual a criança que não passa por isso? O que vocês chamam de "sintoma" me permite uma aproximação maior com o universo infantil. São formas excelentes de identificação de personagens, são interessantes para a criação de temas, são bordões para você contar uma boa história. Nesses casos, não pretendo passar nada. Os personagens são projeções de pessoas e eu não estou influenciando, estou sendo influenciado.

Na nossa cultura sempre foi muito comum a criança ser vista como um ser cômico. O que você pensa sobre isso?

- A criança não é florzinha nem cômica, e nem é monstro. A criança, de certa forma, é uma projeção do que os adultos estão passando. Se uma sociedade está doente, a criança logicamente também sofre da doença. Mas a criança é um ser alegre, com esperança, que quer uma vida melhor, e vai sempre lutar por uma vida melhor. Toda criança vai tentar melhorar um pouco mais o esquema de onde saiu.

Seu trabalho vem atravessando gerações. Em todos esses anos houve muitas mudanças no conteúdo das histórias?

- Houve, há e haverá, sempre. Cada história é uma história na medida do dia e da hora, a criação é dinâmica. Não é uma história de coisas passadas, e nem pretende levantar bandeiras. Uma história que escrevi há 20 anos atrás eu não posso escrever hoje, porque a comunicação se alterou. Então acho que nós temos que ficar atentos para que o estúdio esteja sempre fazendo o que a criança está acostumada a ver por aí. Não no sentido de copiar, e sim de usar as mesmas armas, os mesmos padrões, as mesmas ferramentas de comunicação, para estar sempre dialogando com a criança. A gente tem uma criatividade à flor da pele e cria dentro da realidade, e o conteúdo das histórias surge através da percepção das coisas que acontecem ou que estão latentes no inconsciente popular. Buscamos temas que possam tocar a criança, temas relacionados à psicologia da criança, como por exemplo a vontade da Mônica de arranjar um namoradinho. Tratamos desses assuntos de maneira agradável, gostosa, sem ser didático. Mas ao mesmo tempo, no meio de uma história gostosa e alegre, colocamos alguma mensagenzinha.

Você tem alguma preocupação didática?

- Não no sentido clássico da palavra. Mas no sentido de informar e preparar, sim. Acho que nós todos devemos e podemos estar sempre informando e, ao mesmo tempo, passando uma carga de humanidade para todo mundo.

Como você aborda temas que as pessoas costumam evitar no universo infantil, como a morte e a sexualidade?

- Eles estão presentes nas minhas histórias da mesma maneira que estão presentes no dia-a-dia, na vida familiar, nas conversas de famílias mais abertas hoje. Isso não deve se transformar numa preocupação mórbida e nem ser excluído, as crianças não devem ser alienadas da realidade. No momento em que surge o assunto, nós devemos comentar a respeito até onde se possa, sem entrar em detalhes fora do alcance intelectual da criança. A criança vai maturando aos poucos com o que os pais falam, os colegas, a vida, a comunicação e essa maturação nós temos que acompanhar, sem forçar ou apressar nada. Procuro abordar esses temas com humor, suavidade, e não de maneira pesada ou em grande quantidade. A gente

A loucura, outro tema cercado de tabus, está presente nas suas histórias através de um personagem, o Louco. Como ele surgiu e que tratamento você procurou dar ao tema?

- Dos 200 personagens do nosso estúdio, apenas dois não foram criados por mim - o Bugu e justamente o Louco, criado pelo meu irmão, Márcio Roberto de Sousa, que hoje cuida da parte musical do estúdio. O Louco nasceu da caricatura de um desenhista que trabalha com a gente. O personagem é uma proposta de nonsense, é uma espécie de bruxo que faz tudo acontecer dentro da realidade dele, segundo as suas próprias fantasias. A gente procura abordar o assunto de forma bem-humorada, alto-astral, e o louco de vez em quando surge em algum episódio de visita ao hospital ou coisa assim, mas está sempre dando voltinhas pela rua e arrastando o Cebolinha nas aventuras dele.

O que você acha da preocupação em tornar a linguagem "politicamente correta"? Você a leva em conta nas suas criações?

- O politicamente correto está sendo imposto à nossa cultura como uma nova obrigação e eu penso que não é por aí. Nós temos realmente que respeitar as minorias de qualquer segmento, mas não a ponto disso se transformar numa coisa neurótica e policialesca como nos EUA, porque dá efeito contrário. O que começa a haver é quase que uma discriminação entre todo mundo. No entanto, o relacionamento entre grupos deveria ser uma coisa humana normal, apenas pautada pelo respeito. Infelizmente a gente tem que tomar muito cuidado nesse momento, porque quem trabalha com comunicação pode ter problemas nessa área. Mas eu não concordo com a rigidez e o radicalismo que estão tomando conta desses movimentos. Já tive alguns problemas em relação a isso.

Em qual situação?

- Uma vez eu fiz uma história do Chico Bento onde ele ia falar com uma personagem da nossa cultura conhecida como "preta velha", daquelas antigas pretas velhas que guardavam sabedoria e exerciam um certo fascínio sobre a meninada. Eu mesmo já estive com algumas dessas pretas velhas quando era criança. A história se passava numa relação de respeito, amor e carinho. No entanto, chegaram algumas cartas reclamando do tratamento, dizendo que era falta de respeito. Outra vez uma igreja evangélica queria cercar o estúdio porque nas minhas histórias eu só colocava padre, não colocava pastor. Me cobraram isso. E outra vez foi por causa da Bonga (*menina negra*): a Bonga, apesar de ser criança, é bem rechonchudinha e assanhadinha e namora todo mundo. Daí uma entidade me acusou de mostrar uma menina de cor como uma mini-prostituta. Além de uma manifestação de associação gay que achou ruim porque o Chico Bento de vez em quando pegava o trabuquinho dele e saía para caçar veados. Eles disseram que estava havendo muita matança, os homossexuais estavam sendo caçados e eu estava induzindo as crianças a tomarem raiva de homossexual. Enfim, o negócio é meio calamitoso. Em alguns casos eu respondo, em outros prefiro ignorar, por ser muita falta de informação ou de entendimento. Duas vezes, pelo menos, pessoas do Ministério da Educação, no tempo da ditadura, queriam proibir o Chico Bento porque ele fala errado. Eu argumentei que isso é uma realidade, o Chico Bento fala como mais de 20 milhões de brasileiros, e devia ser alvo de estudos, e não de proibição. Acabaram com os índios, e agora querem saber como era a raiz da língua deles. Querem fazer o mesmo com os caipiras?



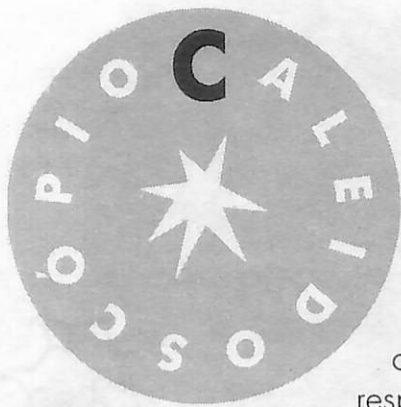
O que você citaria como alguma característica especial do seu estúdio?

- Uma preocupação nossa é dar o melhor num trabalho como esse. No meu estúdio, ao contrário de todos os outros do mundo, não tem bíblia. A bíblia é um livro, uma maçaroca de 2000 páginas, com os estudos de todos os personagens, a linha filosófica, o que ele fala, como ele age, reage, o que pode e o que não pode fazer. Todo mundo lê e assina embaixo. Aqui não temos isso. O pessoal se assusta, "ah, como é que você não tem?" "Eu respondo que o meu método é o seguinte: digo para todos que estão trabalhando com os diversos produtos no estúdio: tudo o que vocês realizarem, perguntem-se: "eu daria esse produto para o meu filho?" Se a resposta for negativa, nem tentem jogar o material para fora. Se for positiva, podem fazer. Está dentro da nossa filosofia.

Você considera que as HQs funcionam como porta de entrada para a leitura?

- Sim, certamente a história em quadrinhos tem o papel de atrair a criança para a leitura. No momento estou escrevendo um texto que fala da importância da HQ como detonadora do processo do gosto pela leitura. Concordo com isso porque eu mesmo li primeiro quadrinhos, e depois de algum tempo só as HQs não me bastavam, eu tinha que ler livros, ler mais. A HQ é um aperitivo maravilhoso para se tornar depois um leitor permanente.





Este ano o 18 de Maio, Dia Nacional da LUTA Antimanicomial, comemorou os 10 anos do lema "Por uma sociedade sem manicômios"

★ A comemoração aconteceu com muita FESTA, na Praça 7, durante a segunda-feira, 19 ★ O evento marcou também os 11 anos do SUS, responsável por uma NOVA proposta de saúde pública, inclusive a mudança nos serviços de atenção à saúde mental ★ O CRP-04 parabeneza o Movimento por suas vitórias ao longo de todo esse tempo. Por um BRASIL sem manicômios no ano 2000 ★ Acaba de ser lançado o livro "Ser INTEGRAL", dos consultores organizacionais Raul Marinuzzi e José Horácio Querido ★ Publicado pela Editora Armazém de Idéias, o livro faz parte da série Ecologia EMPRESARIAL, que vem abrir novas possibilidades de relacionamento nessa área ★ Os interessados poderão encontrá-lo nas livrarias Acaiaca e São José ★ Os profissionais da área da EDUCAÇÃO já dispõem de um novo instrumental de trabalho para lidar com faixas etárias da pré-escola e primeiro grau ★ Trata-se do "MESTRE", software educativo multimídia com componentes lúdicos que auxiliam no aprendizado em várias áreas do conhecimento, entre elas na leitura, escrita, matemática, ciências, geografia e história ★ Resultado de mais de dez anos de PESQUISAS na área de Psicologia da Aprendizagem no Brasil e exterior, o "Mestre" encontra-se disponível em CD Rom, ao preço de R\$ 65,00 ★ Os interessados em adquiri-lo devem ligar para (016) 272.6977 ★ O INCONSCIENTE - Centro de Estudos Freudianos, de Governador Valadares/MG, acaba de lançar o número dois da sua publicação semestral "LAÇO" ★ Em seu editorial, a entidade enfatiza que durante o ano de 1997 sua temática principal é a INFÂNCIA e a adolescência ★ Além de textos de diversos profissionais da área, o "Laço" ainda traz a programação de seminários e estudos da entidade e o seu endereço na INTERNET: www.bis.com.br/~inconc. Maiores informações sobre as atividades do Centro pelo tel. (033)271.6471 e 271.1466 ★ Acaba de surgir a primeira publicação periódica da área de Psicologia no Rio Grande do Norte - a revista "ESTUDOS de Psicologia", editada pelo Departamento de Psicologia e pelo Serviço de Psicologia Aplicada da UFRN ★ A REVISTA tem o objetivo de abrir um novo espaço para divulgar a produção de conhecimento daqueles que pensam a Psicologia em todos os ASPECTOS e modalidades, áreas e abordagens teórico-metodológicas ★ Os interessados em conhecê-la devem contactar a UFRN - Depsi - Caixa Postal 1622 / Cep 59.078.970 / Natal / RN.

CARTAS

Belo Horizonte, 14 de março de 1997

À Coordenação do Jornal do Psicólogo

Caros Colegas,

Já ia fechando, desanimada de dar a minha opinião, o último Jornal do Psicólogo, número 56. Lógico que vi o excelente serviço de informações dedicado ao profissional, bem assim como o trabalho de pesquisa de nossos honorários, finalmente publicado. Vi também a limpeza das imagens - seu visual sofisticadamente simples - mas... (na vida há sempre um mas...)

Neste clima, me caiu sob os olhos a coluna de Carlos Roberto Drawin, "Simplicidade e Mistério", à página 13, e me arrei de coragem. Coragem sim, pois toda opinião é consequente. Uma consequência para fora, envolvendo no seu dizer o contexto. Mas o não-dizer também é consequente. Diz respeito ao diálogo sujeito-individualidade, sujeito-si-mesmo que se cobra o porque não disse.

No artigo, o autor pergunta do "mal disfarçado resgate do rançoso conceito de ideologia", questão muito bem proposta na discussão do tema hedonismo brasileiro. Também me serviu de mote, chamando à cena outro tema interferente: pois se a Psicologia diz respeito à psiqué, ao psi, por quê não se abre o Jornal do Psicólogo às demais teorias, se mantendo ideologicamente rente à Psicanálise, a Freud, à releitura lacaniana, tão somente? Serão as outras escolas do pensamento humano não passíveis de contribuir ao mote comum - dor do sujeito?

Certo que elas são imaturas, seus conceitos intuitivos, muitas vezes não têm recebido dos que os intuem a visão analítica, nem mesmo a incorporação ao pensamento científico ainda, mas não é a fruta verde que detém a possibilidade de se tornar madura? Isto se lhe forem proporcionados sol e água suficientes. O sol do interesse e a água do respeito têm faltado a estas outras interpretações da dor. É preciso resgatá-las sob pena de nos paralisarmos no absolutismo das primeiras idéias, corrompendo-as à morte.

Não sou uma psicóloga qualquer, mas com certeza sou mais uma psicóloga. Pago os meus impostos, o meu CRP, a quem devo respeito; ao meu Sindicato, a quem devo solidariedade. Trabalho rotineiramente tentando resgatar o bem estar de meus clientes num mundo de mal estar e o faço como artesã, compartilhando do tempo, defendendo o direito do livre arbítrio e sem perder de vista a nossa composição triunitária: corpo, mente, espírito. O olhar redondo, holístico, proposto nos tempos atuais por Fritjof Kapra, seguido por largo coro, é um dos paradigmas do novo século. Há dúvida?

Volto ao autor que me encorajou e termino certa de seu olhar atento. Afinal, semelhante atrai semelhante, amor com amor se paga etc... "Há muitas formas de miséria, pois também há miséria na abundância e a cegueira de um fulgor que turva o olhar. (...) No desmedido da percepção e na carência da memória buscamos no milagre, na lógica do excesso, algo que só poderia encontrar-se na serenidade do simples e no acolhimento do mistério".

Agradeço-lhes a atenção, esperando inaugurar a Seção de Cartas, onde Jornal e Leitor poderão atuar de maneira interativamente correta.

Alcione Albuquerque de Andrade - CRP 04.1976

DISQ FREUD

OBRAS COMPLETAS • NOVA EDIÇÃO • GARANTIA

PORTUGUÊS - 24 volumes - Editora Imago

50 % de desconto. Confira.

(Atendemos volumes avulsos)

CASTELHANO - 25 volumes - Editora Amorrortu

ESPAÑHOL - 3 volumes - Editora Nueva

TRADUÇÕES DO ALEMÃO - sob consulta

Atendemos em todo o Brasil • Entrega a domicílio • 2ª a sábado das 8h às 20h • C.G.C. 72.082.308/0001-34

Tels: BH (031) 330.5500 bip JLM - RJ (021) 442.2430

JORNAL DO PSICÓLOGO

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Ricardo Figueiredo Moretzsohn, presidente; Dannusa Gomes Prates Braga, vice-presidente, Elvira Lúcia Pessoa de Oliveira, secretária; Regina Maria Coelho Ferreira, tesoureira.

8º Plenário: Conselheiros: Adenise Elza Hethel da Silveira; Américo Galvão Neto; Antonieta Guimarães Bizzotto; Aparecida Maria de Souza Cruvinel; Arlete Marchiori Macedo Diniz; Carmen Eugênia Bretas Bavoso; Celso Francisco Tondin; Danusa Gomes Prates; Edith Lins Etto; Elvira Lúcia Pessoa de Oliveira; Fernanda Ottoni de Barros; Gerson Alves Vieira; José Walter Albinati Silva; Maria Aparecida de Oliveira Krolman; Maria Lúcia Vasconcelos Montes; Octávio Candiani; Regina Maria Coelho Ferreira; Ricardo Figueiredo

Moretzsohn; Terezinha Marta Colombo Drummond; Vicente de Paulo Marques de Almeida; Zulma Canuto.

Coordenadoria Técnica: Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
Assessoria Jurídica: Rafael Pimenta

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: Ricardo Moretzsohn
Comissão Editorial: Fernanda Ottoni, Mariana Mendonça e Ricardo Moretzsohn
Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTb 4685/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier
Edição gráfica: Cláudia Barcellos Guimarães (MTb 2109/MG)
Impressão: Editora Lítero Maciel
Tiragem: 12.500 exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.
O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Nesta seção o JP conta com a colaboração de Mônica de Almeida Belisário, psicóloga e psicanalista, especializada em Saúde Pública pela ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública do Rio de Janeiro. Mônica trabalha, atualmente, junto ao Aleph - Psicanálise e Transmissão - BH.

A vida não tem ensaio geral

Já começa na estréia

Mônica de Almeida Belisário

Escolhi essa frase, vinda de uma analisante com tempo de casa (e de causa), para nortear este trabalho, que propõe uma reflexão sobre o tempo, a eficácia e o fim de uma análise. Eficácia é palavra da mídia e do mercado, imposição quase tirânica dirigida ao sujeito moderno. Essa idéia atravessa as diversas formas de desempenho do sujeito diante das expectativas de sucesso, brilho e reconhecimento social. Quando se trata de eficácia, o discurso presente tende a abafar a diferença, universalizar os efeitos e preconizar regras de bem viver.

Recentemente, a Rede Globo nos brindou com uma reportagem sobre *o que é a felicidade* e onde, no cérebro, ela estaria situada. As normas de conduta, os clichês científicos, os saberes instituídos e as estatísticas americanas davam, no fim das contas, uma receita, senão completa, próxima do que seria uma "vida feliz". O exemplo de pessoas ricas e famosas - infelizes - e de pessoas pobres que passam o dia cantando compunham o quadro da felicidade como algo passível de ser alcançado, se as regras fossem seguidas.

Há que se interrogar sobre o lugar da Psicanálise nesse espaço social, composto de sujeitos ávidos de realização e panacéias igualmente ávidas de serem aplicadas. A Psicanálise, incluída nesse discurso, passa a ser considerada mais uma dessas fórmulas de felicidade no varejo, dentro de uma série que pressupõe procedimentos, regras de conduta e respostas padronizadas.

Lacan, em seu seminário "A Ética da Psicanálise", tratou de separá-la dessa série, contestando a universalização e a higienização promovidas por uma ideologia do bem e dos ideais e apontando para uma ética do bem dizer do sujeito, portanto do particular, em descompasso com preceitos universais. Mas, antes de Lacan, Freud em "O Mal Estar..." já trazia questões de extrema pertinência para essa discussão, qual seja, a incompatibilidade entre o Homem e a Civilização e o preço pago por essa precária adequação. Freud é pontual e preciso ao descortinar as aspirações humanas e suas vicissitudes.

Ao discorrer sobre o propósito da vida, Freud afirma que "a vida não tem propósito" e atribui à religião a função de encobrir essa verdade. No entanto, traz à tona uma questão menos ambiciosa, no seu dizer, que se refere àquilo que os próprios homens mostram ser o propósito de suas vidas: encontrar a felicidade. Aqui a genialidade de Freud nos proporciona um quadro incontestável de aspectos que envolvem o desencontro Homem/Natureza/Civilização. "Buscar a felicidade" poderia ser transposto para "evitar o sofrimento", essa mudança de sinal - de mais para menos - refletindo o desacordo fundamental do sujeito diante do seu propósito. "Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída nos planos da Criação", diz Freud. É surpreendente nesse texto a clareza com que discorre sobre a falta fundamental a que o sujeito é submetido: "somos feitos de modo a só tirar prazer intenso de um contraste e muito pouco de um determinado estado de coisas" e, citando Goethe, "nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos".

A falta se revela como condição do desejo e o princípio do prazer; ao possibilitar apenas um leve contentamento, não dá conta de seu mais além. Freud, ao descrever as formas de encontro com a felicidade, esbarra nas experiências de sofrimento, muito mais fáceis de serem vividas. A infelicidade viria basicamente de três direções: do nosso próprio corpo - condenado à decadência e à dissolução; do mundo externo - através das forças destruidoras a que somos vulneráveis; e do relacionamento com os outros homens - mais penoso que qualquer outro. Aqui se situa o amor e, em especial, o amor sexual, que proporciona a mais intensa e transbordante experiência de prazer, mas é justamente nesse estado que nos tornamos mais indefesos e sujeitos ao sofrimento pela perda do objeto amado.

Buscar a felicidade pode se traduzir em evitar o desprazer e proporcionar ao sujeito transitar pelo espaço a ele reservado em sua "estúpida e infável existência". A ausência de garantia - a vida não tem propósito - aproxima-nos do que Lacan formula como furo, ausência de complementariedade, ex-sistência, efeitos da estrutura de linguagem. O significante da falta do Outro, S(A), seria a tradução desse desacordo apontado por Freud. O Inconsciente é ex-sistência e se situa numa relação de exterioridade ao simbólico, no intervalo, no entre, algo não incluso. A descontinuidade sofrida pelo sujeito pretende-se costurada pelos três registros, Real, Simbólico e Imaginário, que se situam em permanente heterogeneidade. É a ex-sistência que permite ao sujeito buscar essa amarração diante do impossível de dizer.

Voltemos ao lugar da análise. Se Freud nos adiantou que a felicidade não tem endereço certo e se Lacan fez uma escrita dessa verdade através do nó borromeano, o que resta a fazer? A análise tem um propósito e tem um fim. O fim da análise diz do objetivo e também de um ponto de basta. Há que se chegar ao fim. Poderíamos dizer que o trabalho da análise consiste em alterar a posição do sujeito diante desse impossível. O neurótico acredita na ficção engendrada pelo fantasma em sua função de encobrimento do furo da linguagem.

Os ideais de completude, a esperança de garantia e a crença no todo são correlatos da impotência neurótica. Esses ideais, preconizados pelas panacéias anunciadas, trazem como consequência a culpabilização de quem não consegue alcançá-los. O tempo, nessa perspectiva, é o tempo do *ainda não*. Destituir os ideais, deslocar o sujeito desse lugar de impotência e trazê-lo para o tempo do *absolutamente não* da castração são tarefas da análise a serem suportadas pelo desejo do analista.

Há que se apostar na análise como projeto, não de felicidade, mas de possibilitar ao sujeito movimentar-se pelo intervalo reservado ao desejo e à invenção.

O sujeito constrói em análise o que não lhe é dado a saber. Vai-se desfazendo de roupagens imaginárias, embalagens fantasmáticas que o paralizam em sua repetição. O intervalo é a descontinuidade e aí o sujeito não mais crê em sua ficção nem atribui a um outro a direção de seu destino. A clínica nos ensina a escutar a tentativa de o sujeito escrever esse momento, solidário da ausência de proporção sexual e instaurador do significante da falta do Outro S(A).

O sujeito, em sua construção, desloca o vazio da queixa - lugar de gozo, para a presença do espaço - desejo. De vazio para espaço, da queixa ao encontro com o impossível, da impotência à impossibilidade; no dizer de Freud, *da tragédia neurótica a uma neurose banal*. Ao se deparar com esse real, faz uma aposta, sustentada pelo desejo. Viver a novidade, arriscar *na vida*, são tarefas do sujeito que se posiciona, não no lugar do conformismo ou desistência, mas levando em conta a ex-sistência. Assim, o bem do sujeito não se restringe aos clichês universais, mas se particulariza ao fazer valer a sua radicalidade.

Sabemos que o ator, por mais que passe pelo ensaio geral, sofre uma ruptura radical no ato da estréia. Não há preparação possível que dê conta dessa ruptura, dessa também descontinuidade presente no ato. O ator vive cotidianamente essa descontinuidade. Lacan, no Seminário I, propõe que *o ideal da análise não é o domínio completo de si, a ausência de paixão. É tornar o sujeito capaz de sustentar o diálogo analítico, de não falar nem muito cedo nem muito tarde*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREUD, S. *O Mal Estar na Civilização*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1975.

Anotações do seminário proferido por Eduardo Vidal sobre os Seminários de Lacan: "Les non dupes errent e R S I".

A sexualidade e o papel do educador

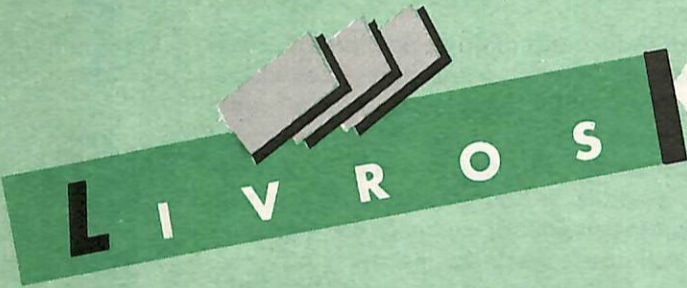
A sexualidade humana, um dos temas mais inquietantes e frequentemente recusados no universo prático do professor, acaba de ganhar uma abordagem concisa e clara em "Sexualidade na Escola", livro organizado por Júlio Groppa Aquino, psicólogo e professor da Faculdade de Educação da USP. Lançado pela Summus Editorial em fevereiro de 97, o livro reúne textos de dez profissionais de diferentes áreas e orientações que refletem sobre o manejo das manifestações da sexualidade no cotidiano escolar.

No volume que organizou, Júlio Groppa procura oferecer elementos para que se pense a seguinte questão - "Qual o real papel da escola e do professor diante da sexualidade?". "Sexualidade na Escola" faz parte da coleção "Na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas", que busca abordar os problemas específicos das práticas escolares concretas e, a partir deles, propor maneiras de compreender a tarefa educacional e o papel da escola.

O livro, destinado a pedagogos, psicólogos e estudantes, traz textos de Marlene Guirado, Paulo Albertini, Roseli Sayão, Maria Cristina G. Vicentim, Cláudia Pereira Vianna, João Alfredo Meirelles, Maria Cecília Cortez C. de Souza, Heloysa Dantas de Souza Pinto, Álvaro Lorencini Júnior e Yara Sayão.

• Sexualidade na Escola - Alternativas teóricas e práticas

AQUINO, Júlio Groppa (org.). Summus, São Paulo, 1997. 144 págs. R\$ 15,00.



Os difíceis momentos de ruptura

A experiência de rupturas bruscas e inesperadas na vida é o tema do livro "Morrer ou Viver - Entrega x Luta", da psicóloga Cristina Gomide Pinto. Lançado através de edição independente em Belo Horizonte, no final de 96, o texto de Cristina relata a sua prática clínica de atendimentos psicológicos feitos a sete pessoas que estavam enfrentando situações de crise e de corte abrupto em seus ideais e projetos de vida.

Fruto de um trabalho desenvolvido em hospital, numa abordagem de psicoterapia breve, o livro focaliza situações imprevisíveis que ocorrem na vida das pessoas, como acidentes automobilísticos, lesões por arma de fogo ou mergulhos e outras situações que podem deixar não apenas sequelas físicas, mas também um grande conflito psíquico. Em seu texto, a autora utiliza recursos diversos, como análise e interpretação de sonhos, estórias, metáforas e visualizações, além da própria escuta terapêutica, com muitos diálogos transcritos na íntegra.

O livro mostra como ajudar as pessoas que passaram por tais situações a tomarem consciência das próprias capacidades e restabelecerem o bem-estar bio-psico-social, tornando-se motivadas e desenvolvendo suas qualidades inerentes e potenciais remanescentes, encontrando alternativas que lhes sejam significativas.

Os interessados na publicação poderão encontrá-la no Cepel e Livraria do Psicólogo, ou ainda a pedidos, com a própria autora, pela Caixa Postal 792 - CEP 30.123.970.

• Morrer ou Viver - Entrega x Luta

PINTO, Cristina Gomide. Belo Horizonte, 1996. 295 págs. R\$ 31,50.

Iphigênia volta aos palcos

Após participar das comemorações dos 300 anos de Mariana, em novembro de 96, e fazer curfíssima temporada em Belo Horizonte, a Trupe de Teatro e Pesquisa traz novamente aos palcos da cidade a sua peça "Iphigênia", uma adaptação da famosa tragédia grega de Eurípedes, "Iphigênia em Áulis". Considerada a mais emocionante e bem estruturada tragédia do autor e uma das mais belas da dramaturgia grega, a peça tem como linha condutora a atormentada consciência do personagem Agamenon, general supremo das tropas gregas que é obrigado a sacrificar sua filha Iphigênia à Deusa Artemis em troca de ventos favoráveis para a expedição que os levará à guerra de Tróia.

Dirigida por Ítalo Mudado, a montagem utiliza uma linguagem fundamentalmente poético/realista com nuances simbólicas. A concepção da trilha sonora é de Luiz Otávio Gonçalves. Cenários e figurinos de Alexandre Colla e iluminação de Yuri Simon. No elenco, Geane Matos, Pauline Braga, Cecília Galvão, Wallace Fernandes, Yuri Simon, Jader Corrêa, Edu Costa e Paulo César Lima.

A peça fica em cartaz no Teatro Clara Nunes até o dia 13 de julho, com apresentações de quinta a sábado às 21 horas e aos domingos às 19 horas. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 tem 50% de desconto. O Teatro Clara Nunes (ex-Imprensa Oficial) fica na Rua Rio de Janeiro, 1.063.



Humor garantido no Marília



Temporada bem-humorada no Teatro Marília, com peças que tem um único e confesso objetivo - desopilar o fígado da platéia com cenas e personagens absolutamente hilários. São duas montagens - "Pérolas do Tejo", para o público adulto, e "A Rainha Alérgica", para a garotada.

Estreando dia 12 de junho, "Pérolas do Tejo" é a nova montagem de Carlos Nunes, ator mineiro que há 17 anos se dedica exclusivamente ao humor e vem tendo seu talento reconhecido nos palcos do país. Com direção de Ênio Reis e supervisão de Marcelo Madureira, do programa "Casseta e Planeta", da Globo, a peça é uma sucessão de casos protagonizados por uma típica família do interior de Minas. Em cartaz de quinta a sábado, às 21 horas, e aos domingos, às 19 horas.

O público infantil tem diversão garantida com o musical "A Rainha Alérgica", que faz uma bem-humorada crítica dos efeitos provocados pelo desenvolvimento a qualquer preço sobre a natureza. Conduzida por dois atrapalhados guardas reais, a trama se desenrola com leveza e objetividade ao abordar a questão ecológica. O elenco do espetáculo dirigido por Carlos Nunes é composto por Cláudia Zanatto, Emerson Rezende, Fernanda Nicolau, Marcus Labatti, Márcio Filho, Anderson Matos e Alexandre Toledo. Em cartaz nos dias 21, 22, 28 e 29 de junho, sábados às 16h30 e domingos às 10h30 e 16h30.

Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 na bilheteria das peças citadas acima pagarão meia entrada. O Teatro Marília fica na Av. Alfredo Balena, 586.

A Psicologia Escolar é o tema desta seção, que traz o texto de Maria Cristina Fellet Guimarães e Rita de Cássia Vieira. Maria Cristina é psicóloga e pedagoga, mestra em Psicologia Social pela Fafich/UFMG e professora do Departamento de Psicologia da UFMG. Rita de Cássia é psicóloga do Colégio Técnico da UFMG - COLTEC.

Psicólogo Escolar:

algumas considerações sobre sua formação e atuação

Maria Cristina Fellet Guimarães
Rita de Cássia Vieira

É o próprio psicólogo que, também no seu fazer profissional, ajuda a construir a imagem social da Psicologia enquanto ciência e profissão. É nessa prática cotidiana que se pode conquistar respeito e confiança, construir e consolidar espaços de trabalho que favoreçam uma atuação profissional digna e comprometida.

Um *locus* privilegiado da Psicologia para o estudo e compreensão do sujeito é a escola, a qual, para Libâneo (1984, p. 165) se constitui numa "manifestação particular da sociedade". Ao atuar numa instituição dessa importância e complexidade, o psicólogo se encontra inserido num vasto e rico campo de trabalho. Esse espaço, como observa Patto (1981), lhe abre incontáveis possibilidades de lidar com questões individuais, grupais e institucionais que, de uma forma ou de outra, dificultam ou mesmo bloqueiam os processos de aprendizagem, comunicação e crescimento pessoais; e isto sem "... precisar negar que se encontra numa instituição escolar, mas, ao contrário, trazendo-a para o centro de suas atividades."

No entanto, para ser capaz de construir este ambiente numa práxis reflexiva e inovadora, no âmbito da escola, o psicólogo deve considerar sua formação profissional, pois, em 1992, uma pesquisa publicada pelo Conselho Federal de Psicologia - "Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços" - revelou que "a limitação da formação tem sido apontada como uma das dificuldades para o desenvolvimento da área". Os dados apresentados neste trabalho evidenciam que a formação deste profissional "não é a ideal", e sabe-se que uma formação inadequada pode conduzir à repetição de padrões e práticas ultrapassadas e de pouca valia para a comunidade atendida.

Faz-se necessário, portanto, repensar a formação como um todo, buscando integrá-la com a geração de conhecimento e com o exercício prático da profissão. Nesta direção, uma mudança estrutural nos programas de graduação poderia reduzir a ainda existente ênfase na formação clínica, e também contribuir para que a instrumentalização teórica do psicólogo escolar possa ser construída a partir da integração dos conhecimentos decorrentes das diversas áreas da Psicologia. A esse respeito, Fellet (1993), ao considerar o estudo pouco aprofundado de grupos e instituições como uma das lacunas na formação deste profissional, argumenta que "não se trata apenas de uma lacuna curricular, mas o resultado da própria atitude da maioria dos professores e, conseqüentemente, dos alunos de graduação que fazem parte, muitas vezes, daquele universo de desconhecidos ou incrédulos em relação a outras formas de exercício dos conhecimentos da Psicologia além do âmbito da clínica, além do consultório".

Ressalta-se, aqui, a relevância de uma formação profissional mais adequada e a necessidade de um contínuo aperfeiçoamento ao longo de todo o exercício da profissão. Neste sentido,

algumas ações se fazem imprescindíveis, como por exemplo: a valorização e conseqüente viabilização do acesso de um maior número de profissionais à pesquisa e produção científicas; a criação de oportunidades de trocas de experiências entre profissionais da área através de encontros, seminários, congressos etc; o conhecimento de trabalhos que vêm sendo realizados por núcleos universitários que se destinam a estudos em Psicologia Escolar no país; o conhecimento de atividades dos CRPs, como por exemplo, a Câmara de Psicologia Educacional do CRP-04 (MG/ES); a busca de contatos com instituições como a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee), a qual tem como objetivo geral o incentivo ao "crescimento da ciência e da profissão de psicólogo escolar e educacional, como um meio de promover o bem-estar e o desenvolvimento humano, enfocando para isto o processo educacional no seu sentido mais amplo". (Wechsler, 1996).

Os desafios ao psicólogo escolar não se limitam à sua formação. Uma vez inserido no mercado de trabalho, outras importantes questões decorrentes dessa mesma formação lhe são colocadas, já que "... são praticamente desconhecidos os seus papéis, suas funções, quando, quanto e como pode ser de ajuda na resolução e prevenção de problemas diversos". (Sant'Ana, 1984, p. 24; *apud* CFP, op.cit.). Tal "desconhecimento", não só do psicólogo mas também da própria escola, representa um fator de desqualificação deste trabalho, constituindo-se "numa verdadeira armadilha de um sistema social resistente à mudança. Tal sistema, ao afastar o psicólogo de instituições, como a escola, que se ocupam da formação e do desenvolvimento humanos, está impedindo ou dificultando a ação do profissional cuja especialização é mediar transformações". (Fellet, op. cit.).

Recorrendo a Andaló (1984) para nortear a atuação do psicólogo escolar, tem-se que esta deve iniciar-se a partir de um diagnóstico da realidade da escola, o que propiciará o planejamento de sua ação. O psicólogo deve atuar junto a todos os segmentos desta comunidade, promovendo uma reflexão crítica acerca da instituição como um todo - objetivos, processo educacional, expectativas em relação ao aluno, relação professor/aluno/escola/pais/equipe técnica e administrativa - desfocando, assim, a "atenção sobre o aluno como única fonte de dificuldades, como único responsável e culpado pela crise pela qual a escola passa..." (Andaló, op. cit.). É necessário, também, um redimensionamento da atividade clínica, não no sentido de sua inteira exclusão da escola, mas visando modelá-la de maneira a gerar procedimentos mais compatíveis com as necessidades deste contexto.

Dessa perspectiva, se depreende que o papel do psicólogo na escola deve ser o de um mediador, de um agente de mudanças que, ao tornar-se parte integrante deste contexto, deve, antes de tudo, ser capaz de ouvir, fazendo de sua escuta o instrumento de trabalho que lhe possibilitará conhecer a realidade em questão, e isto, certamente, lhe proporcionará "atentar para a demanda *encomendada* pela instituição, reconhecendo-a em sua superficialidade, porém usufruindo da oportunidade deste sintoma-detonador de análise" (Fellet, op. cit.).

Construir e consolidar seu espaço de trabalho no âmbito da escola é, pois, tarefa que exige do psicólogo uma formação adequada e um aperfeiçoamento contínuo, resultando, assim, numa maior capacitação para transformar-se e transformar seu saber em alternativas de ação que possibilitem um "novo" fazer e favoreçam a transformação de realidades, muitas vezes, instaladas e cristalizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDALÓ, C.S.A. O papel do psicólogo escolar. In: Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, ano 4, nº 1, pp. 43-46, 1984.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços. Campinas: Ed. Átomo, 1992.
- FELLET, M. C. G. A atuação do psicólogo escolar. In: Anais da Semana da Psicologia. Belo Horizonte, 1993.
- LIBÂNEO, J.C. Psicologia Educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, S.T.M. & CODO, W. (orgs.). Psicologia Social - o homem em movimento. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- PATTO, M.H.S. Repensando a Psicologia Escolar. In: PATTO, M.H.S. (org.). Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo: T.A. Queiroz Ed. Ltda., 1981.
- WECHSLER, S.M. Padrões e práticas das associações em Psicologia Escolar. In: WECHSLER, S.M. (org.) Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática. Campinas: Editora Alinea, 1996.

S
I
A
S
D
È
I
A
S

Cachoeiro do Itapemirim

Com o objetivo de conhecer os psicólogos em atividade na cidade de Cachoeiro do Itapemirim e suas áreas de atuação, as psicólogas Cristina Pacífico e Maria Lúcia Moreira de Araújo solicitam que os profissionais entrem em contato com elas pelos telefones 522.7647, 522.2590 e 522.8973. A idéia é reunir os psicólogos da região para pensar formas de alcançar um desempenho profissional com mais qualidade e debater os problemas enfrentados no dia-a-dia da profissão.

Divinópolis

A Associação dos Psicólogos de Divinópolis encontra-se sob nova direção. Foi eleita no dia 11 de abril a diretoria responsável pela gestão 97/98, composta por Anderson Pereira Santos, coordenador; Maria Alves de Lima Corradi, vice-coordenadora; Maria da Conceição Gonçalves, secretária; Paulo Roberto Faria, vice-secretário; Patrícia Vasconcelos Santos, tesoureira; Daniela Pardini, vice-tesoureira; Maria Alves dos Anjos e Paulo Sérgio dos Prazeres, suplentes. A Associação informa aos psicólogos que, por motivos de ordem técnica, o "Guia dos Psicólogos" edição 97 sofrerá atraso em sua distribuição.

Juiz de Fora

"A Loucura: Exclusão no Direito" é o tema do seminário que será promovido pelo CRP-04 juntamente com a Associação Casaviva e a Clínica Psiquiátrica de Villa Verde. O evento será realizado em Juiz de Fora nos dias 18 e 25 de junho e 2 de julho de 97, e tem o apoio das Faculdades de Psicologia da UFJE e CES. A primeira mesa-redonda será no dia 18 de junho e discutirá o tema "O louco dito inválido e o Direito do Trabalho". No dia 25 de junho, será a vez do tema "O louco dito incapaz e o Direito Civil". A terceira mesa-redonda tratará do tema "O louco dito irresponsável e o Direito Penal". O seminário contará com representantes de instituições relacionadas à Saúde Mental e ao Direito e é gratuito. O CRP-04 enviará, em breve, mala-direta sobre o evento. Maiores informações no Escritório Setorial de Juiz de Fora, com Adriana, pelo telefone (032) 215.6779.

Uberaba

"Psicanálise, para quê isso?" Essa é a questão que norteia o "II Fórum Mineiro de Psicanálise", evento que Uberaba sediará em julho de 98 e está em fase de preparação. Os organizadores esperam que o Fórum seja um espaço para que todas as tendências da Psicanálise se apresentem, sejam debatidas e conhecidas. Nesse período que antecede a organização do encontro, está sendo editado um jornal que tem como objetivo divulgá-lo e alimentar o debate em torno das questões que serão abordadas na ocasião.

Psicologia: Raízes Atuais e História Futura

O CRP-04, a partir de seu 7º Plenário - Gestão Psicodiversidade - iniciou uma política de agenciamento do saber e qualificação do conhecimento psicológico. Foram inúmeros seminários, jornadas e fóruns que desembocaram na realização do I Congresso Mineiro de Psicologia, em setembro de 1995.

Intitulado "Psicologia: Diverso Universo", este grande encontro possibilitou aos profissionais da área tanto a circulação de suas produções como reflexões sobre os diversos fazeres dos psicólogos em suas imbricações com a Ética que perpassa a relação teoria-práxis.

O certame, bem sucedido, contou com a participação de aproximadamente 650 congressistas, o que gerou, além de manifestações positivas, solicitações junto ao Conselho para que novos encontros deste tipo fossem viabilizados. O 8º Plenário - Gestão TRANSFORMAÇÃO - comprometeu-se com a demanda dos psicólogos da 4ª Região e em sintonia com a plenária anterior, instituiu a realização do Congresso a cada dois anos.

A escolha do mote, "Psicologia: Raízes Atuais e História Futura", guarda uma estreita relação com a proposta da gestão; qual seja, TRANSFORMAÇÃO tomada como o que transcende, trespassa e avança na formação do psicólogo. É também o resultado de investigações e questionamentos que se atualizam no campo da Psicologia, através dos vários aspectos presentes na formação das subjetividades modernas, afetando e sendo afetados pela cultura, avanços tecnológicos, informática etc.

Estamos em processo de montagem do evento, e é nossa intenção empreender uma ampla discussão sobre os fundamentos dos atuais segmentos da Psicologia, bem como suas perspectivas rumo ao século XXI.

Com o propósito de acessar e ampliar conhecimento e produções em nossa área, queremos fazer dialogar diferentes aspectos da cultura brasileira. Pretendemos abordar temas que, sob a égide da criação, aproxime cultura e arte popular à filosofia, não mais restrita à academia, permitindo-nos investigar o processo de "criação de culturas", seja através da mídia e meios de comunicação, seja através das particularidades da linguagem, produzidas cotidianamente pelos sujeitos.

Dentre as perspectivas vislumbradas rumo ao século XXI, interessa-nos cotejar leituras sócio-filosóficas da subjetividade na relação que guardam com o tratamento científico dado à Psicologia, ou partir de uma compreensão da(s) epistemologia(s) da Psicologia em direção à lógica do Sujeito fora do âmbito da Ciência.

É nossa intenção discutir a subjetividade que funda um novo paradigma supraracional em sua interseção com a Cibernética e a Informática, com suas novas formas

de acessar conhecimentos e globalizar relações. Por fim, queremos articular o Corpo em suas transformações através da história à Bioética, em função dos avanços e transformações que vêm ocorrendo na Genética.

Estamos cientes do projeto ambicioso que se traduz nessa apresentação, entretanto também estamos certos de que, com nosso empenho e a colaboração dos colegas, atingiremos, se não integralmente, ao menos de forma satisfatória, nosso intento.

Nossa programação até o momento é a seguinte:

- O evento deverá ser realizado em três dias: de 26 a 28 de novembro de 1997.

- Constará de:

- Cinco grandes mesas-redondas que circulem os temas propostos, abertas à participação de todos os inscritos no Congresso.

- Mesas-redondas simultâneas com temas específicos.

- Apresentações simultâneas de temas livres.

- Mini-cursos com a carga horária de três ou seis horas.

- Os temas-livres e os cursos serão selecionados pela Comissão Científica do Congresso. Antecipamos aos nossos leitores os prazos para encaminhamento de propostas de cursos e temas livres:

- Cursos: estaremos recebendo propostas até o dia 20 de agosto de 1997.

- Temas livres: estaremos recebendo os textos para apreciação da Comissão Científica até o dia 20 de setembro de 1997.

Nossas idéias já estão no ar! Esperamos contar com a participação efetiva de todos aqueles que se sintam comprometidos com o futuro da Psicologia e de nosso exercício profissional. Até breve.

Comissão Organizadora do II Congresso Mineiro de Psicologia e I Encontro Minas-Espírito Santo de Psicologia

Composição da Comissão:

Fernanda Otoni de Barros
CRP-04/9608

Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
CRP-04/11743

Kátia Botelho
CRP-04/0794

Maria Lúcia Vasconcelos Montes
CRP-04/3970

Mariana de Campos Mendonça
CRP-04/1201

Ricardo Figueiredo Moretzsohn
CRP-04/2030

Wilson Soares Leite
CRP-04/0520

OFICINAS TERAPÊUTICAS

A arte abrindo caminhos para a saúde mental

○ campo de saberes relativo à psiquê humana, com todos os avanços que vem alcançando em seu percurso neste século, será sempre um desafio para os que dele se aproximam. Já a arte, espaço por excelência de circulação de conteúdos que ultrapassam o entendimento racional, traz à tona todo um universo de possibilidades expressivas. A Luta Antimanicomial coloca arte e saúde mental em contato através da proposta das oficinas de arte terapêuticas, parte do novo sistema que tem como eixo condutor o resgate da cidadania de seus usuários.

A partir de 1991, as oficinas passaram a ser remuneradas pelo SUS, entrando oficialmente para o campo da saúde mental. A portaria nº 189 de 19.11.91, do Ministério da Saúde, define-as como "atividades grupais de socialização, expressão e inserção social". Desde então elas vêm sendo utilizadas em propostas amplas, seja como um caminho para a reinserção do dito "louco" na sociedade produtiva, seja como espaço complementar à clínica onde, através do ato de criação, podem emergir conteúdos a serem trabalhados. Ambas as possibilidades são admitidas pelos psicólogos e psicanalistas que trabalham com este dispositivo, mas seus efeitos ainda não foram comprovados cientificamente. No entanto, já existe uma produção de textos e teses em andamento sobre a questão. Trata-se de uma área aberta à reflexão e pesquisa.

Atualmente, as oficinas de arte estão em funcionamento no Instituto Raul Soares, Hospital Galba Veloso, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena e Centro Mineiro de Toxicomania, da Rede Fhemig, assim como na rede municipal, através dos "Cersams" - Centros de Referência em Saúde Mental". Fora da rede governamental, diversas ONGs e entidades trabalham com oficinas, além de profissionais que atuam com dinâmica de grupo. O *Jornal do Psicólogo* procurou algumas dessas instituições e profissionais envolvidos com a questão.

A estabilização da crise

Os Cersams, unidades municipais criadas em 93 para atender a urgência em substituição ao manicômio, trabalham com oficinas de arte. De acordo com a psicóloga Cristina Ribeiro de Oliveira, gerente da unidade Barreiro, "pensamos na oficina como dispositivo de tratamento. O processo de criação muitas vezes possibilita a estabilização do sujeito, permitindo que ele saia da crise". Já as oficinas dos Centros de Convivência são mais estruturadas para a produção e geração de renda.

Em quatro anos o Cersam-Barreiro ofereceu várias oficinas, entre elas dança, canto, literatura e artes plásticas. Quanto aos profissionais responsáveis pela coordenação das oficinas, Cristina salienta que "eles devem estar preparados para trabalhar nesse espaço, por onde circulam pessoas em crise. Mas não interessa a formação, e sim o desejo e a disponibilidade". No Cersam-Barreiro as oficinas são coordenadas por psicólogos e artistas plásticos.

O CMT Centro Mineiro de Toxicomania, também conta com o dispositivo da oficina. Lá são oferecidas, atualmente, oficinas de cinema, teatro, música, artes

plásticas, macramê, literatura e jardinagem. De acordo com a diretora da entidade, a psicóloga, psicanalista e conselheira do CRP-04 Antonieta Guimarães Bizzotto, elas constituem uma proposta intermediária entre ambulatório e hospitalização - "quando criamos as oficinas, não era nosso objetivo repetir experiências no viés do "ocupacionismo", e sim oferecer algo intermediário dentro do tratamento". Ela ainda destaca que "na oficina costumam surgir questões que podem ser trabalhadas na análise".

A Oficina Germinarte, que atende deficientes mentais, é uma escola que tem sua mola-mestra no trabalho com arte. Segundo a pedagoga Elizabeth Drumond, uma de suas coordenadoras, "nas escolas em que trabalhei a oficina de arte era só mais uma atividade. Aqui procuramos colocar o enfoque nelas porque percebemos que o ensino regular especializado não atendia a todas as necessidades do deficiente mental". De acordo com Solange Marcolino, psicóloga da Germinarte, há uma especificidade no trabalho com os deficientes - "o fato de o deficiente mental ter dificuldade de se expressar verbalmente é um dos motivos pelo qual a oficina se torna um espaço interessante. Nela afloram vários conteúdos".

Um espaço múltiplo

A Acende - Associação de Apoio a Comunidades e Núcleos de Educação Popular, ONG que atua na Vila Nossa Senhora de Fátima/ Favela da Serra, em Belo Horizonte, também utiliza o dispositivo das oficinas de arte, mas sob outra perspectiva. De acordo com Clênio Argôlo, psicólogo social e educador popular, a Acende trabalha no sentido de sensibilizar a comunidade para a sua própria realidade. "Para isso, usamos algumas estratégias que têm como instrumento a arte, entre elas as oficinas", explica.

No contexto em que trabalha, Clênio esclarece que "não se trata de uma proposta terapêutica, mas a formação de psicólogo na área institucional me permite uma escuta mais apurada. Através dela posso contribuir para decodificar os valores que estão circulando na comunidade, assim como a sensação de impotência, de menos-valia, de baixa-estima". Através dos conteúdos emergentes nas oficinas e em outras atividades, a equipe da Acende procura trabalhar a forma das pessoas se relacionarem com o coletivo.

O Instituto Felix Guattari é outra entidade que utiliza a oficina. Trata-se de um trabalho com muitas especificidades, já que faz parte do Esquizodrama, uma clínica concebida pelo psiquiatra e psicanalista Gregório Barembliitt sobre a base da Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Podendo ser aplicada a indivíduos, famílias, grupos e organizações, a Oficina de Esquizodrama utiliza variados recursos, muitos do universo artístico. De acordo com a psicóloga Margarete Amorim, coordenadora do IFG ao lado de Barembliitt, a sua finalidade é "a crítica de todos os aspectos rígidos e repetitivos da pessoa e seu mundo e a liberação da sua capacidade de invenção". A mesma oficina é empregada com psicóticos na Fundação Gregório Barembliitt, em Uberaba/MG, através de convênio com o SUS. Segundo Margarete, "a maioria deles não teve mais

internação, em seis anos".

Outra elaboração de oficina foi feita por Lúcia Afonso, professora da graduação e pós-graduação em Psicologia da UFMG e doutora em Educação pela FAE/UFMG. Após uma longa experiência com dinâmica de grupo, Lúcia desenvolveu uma oficina cuja base teórica está no Interacionismo Simbólico de Mead, corrente forte da Psicologia Social, e na Teoria de Campo de Kurt Lewin. "Procuro fazer uma conjugação disso com uma conceituação da Psicanálise", explica.

Na oficina criada por Lúcia, elege-se uma temática a ser trabalhada com determinado segmento, como hipertensos, educação sexual ou qualquer outra que interesse a um grupo específico em seções que incluem, além da palavra, exercícios com o corpo, materiais projetivos, brincadeiras e jogos de criança. Segundo Lúcia, "há uma dimensão pedagógica e outra terapêutica. O que procuro fazer é unir o nível cognitivo ao nível emocional."

Origens em questão

Em um campo recheado de polêmicas como o da saúde mental, as oficinas não escapam do questionamento. No caso desse dispositivo, a questão está na sua origem, apontada por alguns como sendo a "laborterapia" ou "terapia moral" do início do século, que via no trabalho a solução para o sofrimento psíquico.

O psicólogo e psicanalista José Eugênio Carvalho Gomes é um dos que apontam o princípio ocupacionista na base das atuais oficinas da saúde pública, onde trabalhou. Para José Eugênio, "há um problema conceitual. Se por um lado deseja-se uma reintegração através de uma oficina profissionalizante, por outro é retornar a um mercado que, do ponto de vista da Psicologia e Psiquiatria Social, enlouquece as pessoas".

Outra vertente de profissionais que trabalham com as oficinas não ignoram a sua história passada, mas afirmam que o instrumento é proveniente da Reforma Psiquiátrica Italiana, base do atual modelo brasileiro. A psicóloga Ana Regina Machado, especializada em Saúde Mental pela Escola de Saúde de MG e autora do trabalho "Considerações sobre a produção de oficinas nos serviços de saúde mental", hoje na equipe do CMT, afirma que "no atual momento podemos buscar a origem das oficinas muito mais na reforma psiquiátrica italiana, que entende o trabalho como um direito perdido. É com um novo estatuto que a oficina retorna".

A clínica na oficina

Outra questão polêmica refere-se à proposta clínica que envolve a oficina. Segundo José Eugênio, "quando nas oficinas algo podia se vislumbrar que fosse além da ocupação, esse produto artístico era tomado do ponto de vista do deciframento psi, partindo do pressuposto de que, decifrando a obra, decifrava-se o autor". Inspirado em Nise da Silveira, ele decidiu montar um ateliê para a produção artística que "não é um espaço de concessão", onde a produção "pode ser avaliada a partir de critérios de qualidade, e não do diagnóstico daquele que produziu a obra".

Já Ana Regina afirma que o projeto de oficinas do SUS não é conduzido da forma apontada por Eugênio. Segundo a psicóloga, não há um olhar clínico em cima da obra - "A clínica não passa pela obra em si. O que levamos para o consultório são os conteúdos que emergem a partir do ato de produção".

O valor artístico das produções também não é a questão principal das oficinas do SUS. Há artistas? De acordo com Ana Regina, "pode haver, mas a saída via obra de arte é particular. Não quer dizer que todos vão encontrá-la, e com certeza, aquele que encontra a solução pela obra nunca vai entrar no consultório para falar disso".

A trajetória da pioneira Helena Antipoff, personalidade da maior importância para a Psicologia e Pedagogia brasileiras, é aqui resgatada pela psicóloga Regina Helena de Freitas Campos, PhD pela Stanford University e professora de Psicologia da UFMG.

Regina Helena de Freitas Campos

HELENA ANTIPOFF

A trajetória de uma intelectual do século XX

Nascida em Grodno, na Rússia, HELENA ANTIPOFF (1892-1974) obteve o diploma do curso Normal em 1909, em São Petersburgo. Transferiu-se então para Paris, onde cursou o Bacharelado em Ciências, entre 1910 e 1911. Nessa época, interessou-se pela Psicologia, ciência nova e instigante que começava a ser divulgada na Universidade, tendo estagiado no laboratório Binet-Simon, onde trabalhou com os primeiros experimentos de medida da capacidade intelectual de crianças em idade escolar. Entre 1912 e 1916, cursou o Institut des Sciences de l'Education da Universidade de Genebra, onde obteve o diploma de psicóloga, com especialização em Psicologia da Educação. Sob a orientação de Edouard Claparède, estagiou na Maison des Petits, escola experimental anexa ao Institut, onde aprofundou os estudos sobre os processos de formação da inteligência nas crianças. Nessa época, o psicólogo Jean Piaget foi seu colega de estudos.

Em 1916, voltou à Rússia, então ocupada pelo exército alemão, em busca do pai, oficial do exército que havia sido ferido na 1ª Grande Guerra. Assistiu à eclosão da Revolução de Outubro de 1917, tendo trabalhado em estações médico-pedagógicas em Viatka e em São Petersburgo entre 1919 e 1924 como psicóloga-observadora. Sua função era elaborar o diagnóstico psicológico das crianças nelas recolhidas, e planejar atividades de reeducação. Segundo relatou em artigos publicados no Brasil, eram crianças de rua, que haviam perdido suas famílias seja na guerra, seja na revolução, que apresentavam severos déficits intelectuais, quando submetidas aos testes de medida da inteligência usualmente utilizados na França e na Suíça. No entanto, a observação de sua atividade prática revelava que eram capazes de elaborar complicadas estratégias de sobrevivência nas condições precárias de vida nas ruas. Essas observações levaram Antipoff à elaboração do conceito de *inteligência civilizada*, para descrever as habilidades intelectuais adquiridas pelas crianças através da educação familiar ou escolar, e às reflexões sobre a psicologia das crianças abandonadas. Em 1921, atuou como colaboradora científica no Laboratório de Psicologia Experimental de Petersburgo, fundado por Netschaieff. Os relatos sobre os estudos realizados nesse período foram publicados em 1924, na Rússia. Nesse mesmo ano, deixou a Rússia, a pretexto de visitar escolas para crianças excepcionais na Alemanha (Netschaieff forneceu a carta de recomendação, aceita pelas autoridades russas), e foi se encontrar com o marido Viktor Iretsky, então exilado em Berlim. Em 1926, obteve autorização para instalar-se em Genebra, onde trabalhou como assistente de Edouard Claparède no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, e como professora de Psicologia da criança no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Entre 1926 e 1928, publicou numerosos artigos em periódicos especializados. Seu trabalho, nesse período, revela a

influência da psicologia sócio-histórica russa, e da abordagem interacionista elaborada por Claparède.

Em 1929, a convite do governo do Estado de Minas Gerais, iniciou o ensino de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, recém-instalada como parte da reforma de ensino de 1927. Foi inicialmente contratada como professora visitante por dois anos. O contrato foi sucessivamente renovado ao longo da década de 30. Instalou então o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e iniciou extenso programa de pesquisa sobre o desenvolvimento mental, ideais e interesses das crianças mineiras. As pesquisas sobre o desenvolvimento mental tinham por objetivo subsidiar a introdução dos testes de inteligência nas escolas primárias, fornecendo os padrões aos quais seriam comparados os resultados obtidos anualmente pelos alunos. A partir dos resultados, eram organizadas as chamadas classes homogêneas, isto é, selecionadas por nível de inteligência. Nessa época, Antipoff volta a focalizar o conceito de "inteligência civilizada", definida como "a natureza mental do indivíduo polida pela ação da sociedade em que vive e desenvolvendo-se em função da experiência que adquire com o tempo". A partir dessa definição, que denota tanto a influência da psicologia interacionista como a da abordagem sócio-histórica russa, estabelece uma série de correlações entre o meio sócio-econômico e o desenvolvimento mental, e sugere às escolas a adoção de programas de "ortopedia mental" visando equalizar as oportunidades para as crianças de baixa renda que não obtinham resultados satisfatórios nos testes. Introduz então o termo excepcional (ao invés de retardado) para se referir às crianças cujos resultados nos testes afastavam-se da zona de normalidade, o que se justificava, a seu ver, por evitar a estigmatização. Na sua opinião, "o nível baixo nos testes de inteligência para muitas crianças de meio social inferior e crescidas fora da escola não prognostica absolutamente o futuro atraso nos estudos, pois nesta idade o organismo ainda está bem plástico e o cérebro capaz de assimilar com grande rapidez e eficiência os produtos da cultura intelectual" (Antipoff, H. & Cunha, M.L. "Test Prime". *Boletim* 10, Belo Horizonte, Secretaria de Educação e Saúde Pública, 1932). Esta posição a levava a acreditar no sucesso da educação compensatória, e a procurar estimular as elites locais a promoverem programas de reeducação para crianças excepcionais, entre as quais podiam se distinguir os excepcionais "orgânicos" e os excepcionais "sociais", isto é, aqueles cujas condições de vida familiar ou social impediam um desenvolvimento adequado. Entre as iniciativas nessa direção destaca-se a criação da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, em 1932, que reuniu um grupo de médicos, educadores e religiosos, sob a presidência de Antipoff, com o objetivo de promover o cuidado das crianças excepcionais e assessorar as professoras de classes especiais dos grupos escolares. O consultório médico-

pedagógico para crianças deficientes instalado pela Sociedade em 1934 tornou-se o embrião do futuro Instituto Pestalozzi de Minas Gerais. A partir de 1940, a Sociedade Pestalozzi, ainda sob a liderança de Antipoff, instalou a Escola da Fazenda do Rosário, em propriedade rural localizada no município de Ibirité, Minas Gerais, com a finalidade de educar e reeducar crianças excepcionais ou abandonadas utilizando os métodos da Escola Ativa, centrados na atividade espontânea da criança. Na mesma época, Antipoff tornou-se professora fundadora da Cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais.

Entre 1944 e 1949, Antipoff transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou junto ao Ministério da Saúde na institucionalização do Departamento Nacional da Criança, e na criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Em 1951, obteve a cidadania brasileira, e reassumiu suas funções como catedrática de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Liderou então extensa obra educativa a partir da fazenda do Rosário, nas áreas de educação especial, educação rural, criatividade e superdotação, tendo participado ativamente na formação de várias gerações de psicólogos e educadores.

Em sua riquíssima trajetória, observa-se a preocupação científica aliada a um agudo senso prático. A formação realizada no início do século, na Europa, em contato com a miséria humana produzida por guerras e revoluções, parece ter engendrado, em Antipoff, uma sensibilidade especial para com o sofrimento humano e um genuíno espírito democrático. A passagem pela Suíça proporcionou, além de uma sólida formação científica, a oportunidade de participar da organização de instituições internacionais de defesa dos direitos das crianças que iria marcar profundamente a sua trajetória, o seu "ethos". Seu espírito democrático e humanista, e sua enorme atividade em defesa das crianças brasileiras tornaram-se exemplo de vida e compromisso para todos nós.

O acervo de documentos inéditos que pertenceram a Antipoff, testemunha de seu percurso, encontra-se atualmente na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Com o apoio da UFMG, do CNPq e da FAPEMIG, estamos trabalhando para torná-lo disponível para a pesquisa, de forma que sua obra possa ser melhor conhecida pelas novas gerações de psicólogos e educadores.